

# O COMMERCIO DE SÃO PAULO

Director-DR. COUTO DE MAGALHÃES

ANNO IX

S. PAULO—Segunda-feira, 30 de setembro de 1901

STEREOTYPADO E IMPRESSO EM MÁQUINAS ROTATIVAS DE MARINONI

REDAÇÃO E OFFICINAS:  
RUA DE S. BENTO, 35-3  
Telephono, 622

NUMERO 2711

## A SAUDOSA MEMORIA DE EDUARDO PRADO

O *Commercio de São Paulo* dedica sua edição de hoje a memória do seu inolvidável director politico, dr. Eduardo Prado.

Mais eloquentemente do que poderíamos fazel-o, occupam-se do dr. Eduardo Prado, no presente numero, eminentes vultos politicos do Imperio e festejados escriptores nacionaes.

Não podia ser mais brilhante a consagração que mereceu do nosso mundo politico e intellectual o nome do querido Mestre; seu passamento, foi igualmente lamentado pelos mais autorizados orgaos da imprensa europeia.

Não ha exemplo no Brasil de tantas homenagens deante de um mesmo tumulo.

O *Commercio de São Paulo* associa-se de coração a todas ellas, orando pela alma do seu pranteado Mestre e Amigo.

ALÉM dos infortunios da cousa publica, perde o Brasil dia por dia os mais distinctos de seus filhos: *Sine lacrimis rerum!*

Sellada apenas a campa sob que jaz Silveira Martins, o patriota imperturbado e orador gigante, eis que se fecham as de Eduardo Prado e Rodolpho Dantas, que lhe não eram sómos na mentalidade e no civismo.

Não sei qual mais profunda magua me assaltou,—se a da perda do antigo e lealissimo companheiro das passadas luctas, se a do emérito escriptor dos *Fastos da Dictadura Militar no Brasil* e da *Illusão Americana*, ou a do digno herdeiro do nome laureado de outro companheiro tão dedicado e tão querido, como o que se finou em Montevideo.

Que mysteriosa selecção esta da morte, a poupar invalidos e ineptos, fulminando a robustez e a juventude, capaz de grandes feitos! Acaso, exactamente por mais o merecerem, preferem os o Senhor dos Mundos para mansão superior a este atomo do Universo em que se debate a misera humanidade?

Soffrendo a saudade dos dous igualmente pranteados amigos, um dos quaes precedeu e outro seguiu no tumulo a Eduardo Prado, desabafarei em algumas palavras sobre este ultimo.

Tive ensejo de o tratar de perto, na convivencia possivel entre os que vão no declinio da vida e aquelles que a encetam esperanças e triumphantes. Poucas horas antes da em que o acommetteu a fatal enfermidade, confabulamos sobre a situação da nossa terra infeliz, e, ainda uma vez, admirei-o, o ponderado criterio e o raro descortino com que discorria acerca do presente e das eventualidades futuras. Era um crente e um forte; ouvil-o, encanto e animação. Não perecem as causas que contam Apostolos do seu elevado quilate.

Manifestou-se inclinado a empenhar-se nas pugnas eleitoraes, alistando-se, sem detrimento das convicções, entre os que propagam a revisão constitucional,—ultima experiencia da inefficacia das actuaes instituições. Lourei-lhe o intuito. Os moços monarchistas, sem compromissos nem responsabilidades para com o passado, podem decentemente disputar a investidura popular, desde que falem com franqueza no eleitor, não occultando, antes afirmando, o ideal politico que adoptam. Victoriosos, sua intervenção no parlamento avivará a memoria do que já foi este paiz, poderá attenuar grandes erros e desvarios e os habilitará a bem dirigir, mais tarde, os negocios do Estado; os vencidos pela compressão ou pela fraude das urnas, ainda assim, prestarão assinalado serviço, pois a violencia e os excessos arrastam a queda infallivel quem se julgue ao seja.

Não permitiu a inflexibilidade do destino que Eduardo se aventurasse a esse nobre empreendimento. Ainda mal! Adeus, amigo, que repartias com o paiz uma parcela da affeição fraternal votada ao filho! Recebe esses goivos sem vicio, insignificante, mas cordial retribuição dos teus sentimentos sympathicos para com aquelle que t'os offerece, lamentando a propria inopcia.

Rio de Janeiro, 20 de setembro de 1901

OSCAR PRATO



### Eduardo Prado

O estudo, as viagens, a agudeza na observação e o frequente convívio com intellectuaes de real merecimento fizeram de Eduardo Prado o homem simples, natural e de facil e attraente accessio, que Eça de Queiroz, nos seus livros, tanto mostrava estimar.

Conversando, ou escrevendo, era sempre de uma singeloeza encantadora. O seu claro bom senso e o seu subtil bom gosto nunca lhe permitiam um ligeiro deslize, em que se trahisse o artificial, a affectação, a pose.

Sua erudição vasta era a consequencia da natural curiosidade de uma intelligencia irrequietamente activa, ou frequentemente o meio para alcançar um fim que julgava bom. Não armazenou a sua grande riqueza de idéas e de factos para a banal exhibição desvanecida, mas para melhorar—quando opportuno, para corrigir—quando necessario, para ser útil—sempre que possivel.

A sinceridade juvenil, ingenua, que era uma das notas mais sedutoras do seu caracter, e a espontanea veia critica, a todo momento prodigalisada em epigrammas levemente acidulados, explicam-nos bem aquella superior aversão á jactancia e ao convencionalismo pretencioso, que levava Eduardo Prado a medir um homem de letras, um homem de sciencia, ou um politico militante, por esta craveira, que nunca o enganara: affirmava elle: está dominado pela autolatria? reveste-se de um exterior solemne?

rebusca phrases e ademanos no conversar? tem cega confiança nas suas idéas, nas suas soluções, nas suas theorias, nos seus conselhos? E inequivocamente um mediocre. E accrescentava—nunca ter visto um só homem de verdadeiro merito, com as apparencias philaeicas da pedanteria.

Tenho receio, costumava dizer Eduardo Prado, de—algum dia—me supprir uma capacidade. Esse facto marca sempre o inicio da decadencia mental, a ankylose da intelligencia. Não se tolera mais a contradicção; torna-se impossivel a investigação paciente, a observação perspicaz, o raciocinio seguro; não se enxergam os lados varios de uma questão complexa; o pensamento deixa de ser um instrumento docil para a descoberta da verdade, porque acredita, sem exame, estar sempre na posse della.

Não, espirito gentil, não te abeiraste sequer do escolho que temias. Morreste na apojadura do teu talento vivaz e scintillante, na plena florescencia das altas e nobres qualidades que, em paizes estranhos, te facultavam representar, engrandecendo, o teu paiz,—na desditosa patria tua amada,—luctar abnegadamente por libertar os grandes males. Nós, teus patriotas, que tanto te admiravamos, bem podemos repetir-te as palavras em que João Baptista Dumas resumiu o elogio do grande Cuvier: «Tua morte nos diminuiu».

PEDRO LIMA

### A MEMORIA DE EDUARDO PRADO

Heura da terra paulista, inveja das terras brasileiras, orgulha-se de ter produzido um filho de uma familia e de uma geração de amigos dedicados, que o cedeu tropegado á beira do sepulcro e tão cedo te debruçaste sobre o portão da eternidade. Heura, alma romana, vasada em nobres christãos, tão depressa repulstas o caliz das amarguras de vida fenomenal, que todavia teceias focuras para os espiritos do exilio como o teu e para os coactos bem formados como o ti-coste?

Paras, espirito educado na escola das liberdades publicas, avigado por constantes peregrinações através das ruínas dos imperios que amargura tantas ligões fecundas, desceito em meio a obra tão gloriosamente encetada com os *Fastos da Dictadura Militar*, que esboçaste com o vigoroso pincel de *Verde*, ali cedido pela Musa Vingadora da Historia?

Porque, eminente representante da nobreza sobre raça, devotado e assiduo cultor de suas illustres tradições, abandonaste tão precipitadamente a liza, em que conservas o sangue na Monarchia, não podendo deixar de ser monarchista na liza, e em que feriste com a grande batalha da nossa independência e da Patria integradas, que te inspirou a *Illusão Americana*?

Porque, alma tocada da Graça Divina e crente firme e devotado, deita de mão antes de tempo a

eterna lucta do erro contra a verdade, do mal contra o bem, do desvario contra a fé, do preconceito contra a razão humana, da materia contra o espirito, que te inspirou a *Conferencia sobre o Centenario de Anchieta* e tua ultima e recente polemica sobre um caso de intolerancia religiosa no seculo XX, tua ultima victoria?

Ah! Verme sublime da Creação, teus dias, que tão caros nos eram e á familia e á Patria, estavam contados por Deus, que em sua misericórdia te chamou a si em flor e mal chegado ao meio-dia da vida, como para poupar-te as urzes cruéis da tarde, as tristes desilusões e os negrumes da noite.

Em que nos sangue o coração, seja feita a vontade! Ante a brutalidade da morte, só não é vã a resignação christã.

Se na mansão, onde repousas, se consente memoria das cousas deste valle, que deixaste banhado de lagrymas, consola-te com o vazio insupprível aberto por tua morte nas fileiras de teus amigos, com os quaes se renovará o prodigio de diminuir os combatentes para melhor assegurar a victoria: consola-te com o lucto perenne das lettras desoladas, com as dores e saudades crueis dos amigos inconsolaveis; e, continuando no céo a meritória obra encetada na terra, roga a Deus, que não será surdo ás tuas preces, para que se amercio e ponha fim ás desgraças e ás misérias da Patria, já reduzida a uma feira por demais aldranda!

DOMINGOS DE ANDRADE FIGUEIRA

### EDUARDO PRADO

Deus conhece a tristeza de minha alma e o esforço que faço para escrever estas poucas linhas a respeito daquelle cuja vida merece, como exemplar, o estado e a contemplação dos sobreviventes.

Não são muitos, antes raros, principalmente nestas tempos de opportunismo, a que por decencia chamam evolução, os que mantêm a coherencia, a orientação, a harmonia e a lealdade dos principios e das crenças. E' quasi geral a contradicção, de modo que já não se estranha a quebra da unidade dos espiritos em suas illogicas manifestações, expondo a vida dos homens e da sociedade ás incertezas do acaso, do capricho e dos interesses de occasião.

A firmeza nas convicções constitue o caracter e é a honra da consciencia.

Eduardo Prado a possuía inflexivel e o provou com singular desinteresse, através de toda a especie de sacrificios, até do exilio!

As affirmações de seu espirito dominavam todos os actos de sua vida, infelizmente tão curta, e em suas idéas existia a mais perfeita harmonia. Em religião, era catholico sem reservas; em politica, conservador monarchista intransigente; na sciencia, espirituista, e na vida social, modesto, tolerante, caritativo e generoso. Todas estas qualidades eram illuminadas pelo mais puro e devotado amor filial. Falava sempre de sua Mãe com carinho, affecto e mimo, como se ainda estivesse em seus braços.

Que felicidade a de ser assim amada! Estas graças Deus só concede aos seus dilectos.

As suas convicções não as tinha por emprestimo ou phantasia; formou-as com o estudo, meditação e observação; vinjou pelo mundo, não com o proposito de divertir-se, mas de instruir-se.

Indagador perspicaz e infatigavel, formou um precioso pectulo de conhecimento dos povos e das civilizações, que começara a produzir fructos em beneficio de sua patria, quando—oh! dó!—cessou de viver!

Não contava na minha velhice lembrial-o com gemidos de funda saudade! Esperava antes que elle tivesse a bondade de recordar-se de mim! Surpresas da vida, fatalidade da morte! Quanto se perden!

Seja feita a vontade do Senhor!

A vida de Eduardo Prado foi de escriptor platonico: a idéa pela idéa, a convicção pela convicção, a verdade pela verdade, livre, absolutamente livre de interesse, paixão ou capricho pessoal.

Não chegou a tomar posição official na politica a que irremissivelmente seria chamado por seus altos merecimentos e indispensavel cooperação. A Divina Providencia libertou-o de muitas contradições e decepções.

Não adheria a improvisos; para elle, a persuasão era a rainha do mundo, e quaesquer que fossem as manifestações, os entusiasmos de momento, ou das massas populares em delirio, tinha a coragem de affrontar tudo com as suas convicções. Fortaleza rara e heroica! Tumultos, aclamações, pronunciamientos e imposições da força material não convencem a um espirito educado no culto da razão e do direito. Eduardo Prado ficou firme como o rochedo contra a furia das ondas encapelladas pelo tufão onustorio.

Contra o erro e a aventura oppoz razões, factos e a experiencia da historia, em escriptos memoraveis, publicados na Europa, cuja previsão e sabedoria os acontecimentos posteriores de dia em dia mais avultam.

O tufão passou e as ondas, enfurecidas outrora, beijam agora, languidas e sem ruído, o sope do rochedo inalteravel.

Elle bem comprehendeu que a obra improvisada e de occasião, para a qual não collaboraram o tempo e o genio do povo, tinha vicio radical e não poderia resistir ás necessidades, aos costumes, á educação e á índole do paiz, ao qual por imitação se pretendia adaptar como infallivel e imutaveis.

Solon contentava-se de que as suas leis, quando muito, fossem observadas durante um seculo.

Eduardo Prado não sonhava instituições para o seu paiz, como confessam os proceres das que elle combateu até o dia nefasto de sua morte.

Tras para a sociedade viva e organizada na imprensa fugitiva e vagante do sonho—estado passivo—é a maior das temeridades, senão loucura.

Eduardo Prado era um pensador profundo e disto é prova o seu admirável livro—*Ilusão Americana*. A expansão do pensamento americano, colorida com o título de *Pan-Americanismo*, caminha muito mais depressa do que cogita a ingenua confiança dos que têm a seu cargo a unidade do Brasil. Para esta unidade, que deve prevalecer sobre qualquer outra ideia, ainda a custa dos maiores sacrifícios, concorreu mais a Igreja Católica do que o governo civil. Pode-se dizer sem exagero que o Brasil nasceu e creou-se como João no templo e sob a principal direção dos grandes Padres Jesuítas.

Ainda coerente e harmonico com suas ideias, Eduardo Prado promoveu na capital de São Paulo a glorificação da Companhia de Jesus no Brasil.

Grande serviço feito á historia e á verdade.

A memoria de Eduardo Prado não perecerá; antes o tempo lhe dará maior brilho e extensão. Ella pertence mais ao futuro do que a seus contemporâneos.

Quando, sob a pressão das angustias do patriotismo, os nossos descendentes sentirem em risco real e positivo a unidade da Patria, quantas edições não terá *Ilusão Americana* e quantas exprobrações contra a indolência dos que desprezaram e apprehenderam a propheta e perseguiram o propheta!

Descansa em paz, valente e desinteressado lutador!

O dia de sua gloria ainda não amañheceu! Morreste na tarde da vespera!

FERRIEIRA VIANNA

Rio, 24, setembro, 1901

## CARTA DE JOAQUIM NABUCO

Excerpto de uma carta de Joaquim Nabuco a um amigo desta capital, datada em Wimereux (França), em 4 do corrente:

«Nesta praia de França, onde viemos para tomar um banho de sol e de sal, chegou-me a noticia da morte do Eduardo, cuja sensibilidade aguçada tem sido ultimamente posta a prova repetidas vezes, de modo cruel. Ah! a repercussão dessa morte tão inesperada deve ter sido grande; o paiz perdeu uma das suas intelligencias ainda plasticas, frescas, progressivas. Por mais que elle fizesse para parecer um homem do passado, todo elle era movimento, vida, futuro. A certos respeito, elle foi unico entre os nossos homens de indiscutível capacidade.»

JOAQUIM NABUCO

Rio, 26 de setembro de 1901

Exmo. am.º dr. Couto de Magalhães.

Não me tenha em mal vir tão tarde. Ha cincoenta e tres dias que velo junto de um doente, cuja vida me é mais cara que a minha. Aguardava constantemente os de folga e serenidade, cujo começo a esperança me apontava cada tarde na manhã seguinte, reservando-me para então obedecer á sua caria de 5 deste mez, onde reclama a minha presença na edição especial consagrada pelo *Commercio de São Paulo* á memoria de Eduardo Prado. Mas, afinal, antes que me cessassem as funções de enfermeiro, adoecei, não me levantando senão agora, apenas em tempo de acudir entre os derradeiros comparecentes, e escassamente com forças para lhe agradecer a honra, que me azen, de inscrever o meu nome na piedosa theoria das almas, que passam hoje por este tumulto carregado das obrigações da sanidade.

Não faltará, no momento, quem lhe celebre o diametro, a luz e a formosura, de primeira ordem na esfera das nossas grandezas estelares. Ha um mez que todo o Brasil intellectual é um coro de admiração em torno do seu nome. A tradição da lingua, a arte do estylo, a dignidade da eloquencia, a gloria do jornalismo e o culto da historia hão-de perpetuar o entre os seus modelos e os seus thesouros. Eu, no logar deixado ás cousas do porção pelas opulencias desse triumpho, entre os commemoradores desse espirito, me contentarei de passar como uma das testemunhas da sua bondade, rogando a Deus lhe converta em bençãos no seu seio as horas de conforto, que elle, nesta casa, me deu, quando, ao despedir-se desta terra, antes de se partir para a morte, vindo trazer-me palavras de coragem, nos meus dias de transe, passou commigo uma das suas ultimas tardes no Rio de Janeiro, em tão intima troca de ideias e sentimentos.

Analisei os fechos, ás vespéras da viagem eterna, a amizade, com que, ha cerca de sete annos, me distinguia tão bonovola, tão generosamente. Documentos della, guardo as suas cartas entre os meus papeis mais preciosos, entre os que mais captivaram, talvez, algum dia, o interesse de meus filhos. E, se me fosse licito mutilar, apagar della o meu nome, cercar-lhe a parte affectuosa e intima, a da amizade, prodiga de suas riquezas com a indigencia alheia,—de quantas daquella pa-

ginas se não veria fulgurar o genio da liberdade projectado na imagem de um grande liberal, o amor da patria exaltado na inspiração de um grande patriota?

Mas... *non lacrymae*. A minha fé ainda não é das que incluem energia, para nos consolar-mos de taes perdas. Esta glorificação, porém, está pedindo um horizonte azul, o ambiente de uma alvorada, palmas verdes, ideias acarichadas pela esperança e os santos entusiasmos do futuro. Sejam elles os que acompanhem este nosso immortal na entrada á eternidade.

Seu am.º obr.º

RUY BARBOSA

## EDUARDO PRADO

O AUGUSTIN THIERRY BRASILEIRO

No julzo critico que, em 1858, publiquei em S. Paulo, nos *Ensaioes Litterarios* do Athenaeo Paulistano, sobre a Historia Geral do Brasil pelo sr. F. A. de Varnagen, escrevia eu o seguinte:

«Quando, em que dia feliz apparecerá aquelle, que á luz do patriotismo se embrenhe na treva escura do passado, evoque o genio das gerações extinctas, e traduza em uma historia nacional, como em uma epopéa, as glorias do Imperio de Santa Cruz?»

Dous escriptores da época p'diam abalar-se a essa empresa e dar-lhe cabal desempenho: o ex-niio historiador maranhense João Francisco Lisboa e o general José Ignacio de Abreu e Lima.

O primeiro, levou-o a morte, cedo de mais para as grandes cousas da patria. O segundo, depois de publicar, em 1845, a sua monumental—*Dedução Chronologica dos Factos Mais Notaveis da Historia do Brasil*, applicou seus talentos a outra ordem de estudos, ostentando sempre a erudição vastissima de um verdadeiro encyclopedista.

Meio seculo passou-se em trabalhos parciais, em pesquisas isoladas sobre a nossa historia.

Eis que na ultima decada do seculo XIX se ostentou, em toda a pujança de seus talentos, aquelle que os felizes destinos de nossa patria pareciam reservar para dar resposta áquelle *Quando?*

Efectivamente, pelos seus talentos, pelo seu amor ás cousas do passado, pela sua poderosa intuição em reconstruir as felices desbotadas de uma época extincta, Eduardo Prado era o predestinado para realizar em nossa terra aquella grande missão.

Cada trabalho seu sobre os assumptos que investigou, é uma verdadeira restituição historica. Dir-se-ia que elle tomou por modelo o grande historiador Augustin Thierry, pois que não expõe um acontecimento, não narra um facto, sem ter em mão o documento que o comprova e lhe restitue a physiognomia da época.

O melhor preito que podemos render á sua memoria, prestando ao mesmo tempo um serviço á patria, é o de reunir todos os seus trabalhos, dando delles uma edição especial que faça viver entre nós esse espirito primoroso, que subsistia inteiro nas suas obras, immortal como a luz que Deus lhe acendeu no cerebro.

Rio de Janeiro, 23 de setembro de 1901

BARÃO HOMEM DE MELLO

## Eduardo Prado

Não é contrafeito nem contrangido pela imposição do caracter elogiativo dado a todas as polyanthias que venho nesta exarar o que sinto e penso a respeito da individualidade complexa de Eduardo Prado. Muito ao invéz, julgo que é reduzido e limitado o espaço de que posso dispor para, dentro delle, circumscripturar a minha opinião sobre o preclaro paulista, como homem e como escriptor. Para forrar-me, pois, ao encomio característico e banal que se depára por tanta maneira em taes manifestações e, ao mesmo tempo, para corresponder, obedecendo, á inesperada honra do convite que me fez o digno director do *Commercio de S. Paulo* para colaborar no presente numero consagrado a Eduardo Prado, acinjo-me, antes de tudo, a applaudir sinceramente esta significativa demonstração—por dous motivos: primeiro, porque o malogrado escriptor paulista a mereceu soberbamente, quer pelos seus titulos litterarios, quer por outros, não menos valiosos, de mera affectividade; segundo, porque o *Commercio*, por esta forma, valorisa, na pessoa de Eduardo Prado, o trabalho intellectual, que pelo utilitarismo da nossa sociedade burguezia é, não raro, menoscabado, mormente quando elle consiste em produções d'arte.

Quem pôde negar a Eduardo Prado o subido merito litterario? Escriptor de raça, fino e primoroso, elegante e masculino, aliando perfeitamente a Graça á Força, deixou elle na *Pharsa Escripção*, na consagrada expressão de Paul Bourget, a mais rutilante affirmação de suas faculdades estheticas, de par com uma feição de espirito a que dá o nome do humorismo, mas

desse bom e typico humorismo exercitado pelo americano Mark Twain, e que um critico francez caracterizou por uma enorme faccía, resultando de uma observação triste, contada, ás vezes, com a mais rigorosa imperturbabilidade, outras vezes com um supremo desdém da opinião do leitor. Era um estethista forrado de um ironista; mas é preciso notar que a ironia nelle era apenas o resultado desse edon inapreciavel do interesse pelo mundo e pelos homens, dom que não vai sem a sympathia irradiante e activa, revelação ideal e synthetica de uma bondade generalisada. E esse dom, que é o maior que um homem pôde ter, attribua-o ao proprio a Eça de Queiroz, seu compaheiro e amigo, quando lhe confere a agradável tarefa de escrever na *Revista Moderna* o artigo de abertura da magnifica polyanthea dedicada ao grande romancista lusitano. Dahi a força de Eduardo Prado, temperada sempre dessa bondade peculiar aos grandes artistas.

Sua obra publicista não é copiosa e consta apenas de tres livros, algumas monographias e artigos de jornal; mas isso basta para patente de sobra a enfiatura do seu bello e equilibrado espirito. Além disso, pelos trabalhos citados e pelos conhecimentos geraes que mostrou possuir em todos os departamentos do saber humano, nomeadamente na historia, pôde-se imaginar o que produziria ainda Eduardo Prado, se não fosse inopinadamente colhido pela morte e vivesse por mais dilatados annos para a gloria e honra das letras nacionaes. Deste modo, é bom de ver que o golpe por estas soffrido na pessoa de tão estorçado paladino foi certo e irreparavel: abriu um grande claro na fileira dos nossos bons escriptores. E, particularmente, mais: S. Paulo, que é tão escasso em talentos de eleição, porque Eduardo Prado, digno e aborramente, era um genuino paulista, S. Paulo perdeu tanto com a sua morte, que ouso affirmar ser irreprehensivel o logar que elle occupou em o nosso restrito meio litterario e artistico.

Acidentemente deixei escripto, linhas acima, que com esta manifestação *O Commercio de São Paulo* valorisa moralmente, na pessoa de Eduardo Prado, o trabalho intellectual, tão desprezado por emquanto no Brasil. Pois que! Um escriptor publico, que superiormente põe a sua penna-buril de artista ou arma de combate—ao serviço de uma convicção esthetica ou social, não merece por certo que se lhe tribute o feudo da mais viva, da mais sincera, da mais commovida admiração? Estou que responder a isto pela negativa seria um contra-senso.

E não se pode negar que Eduardo Prado teve sempre, como controversista politico, como litterato, o denodo da sinceridade, o amor da franqueza, o enthusiasmo do puritanismo. Que são os *Factos da Dilettatura Militar no Brasil* e a *Ilusão Americana* senão o resultado desses sentimentos quintessenciados pela visão de um espirito educado na escola politica do extincto regimem? Que é o seu livro de *Via-gens* senão a crystallização de um sentimento artistico experimentado através do seu vibratil temperamento posto em contacto com diversos aspectos da natureza? Que são os seus artigos de jornal senão um estendal de ideias combativistas em prol da monarchia e da egreja catholica—duns instituições do passado que trouxeram sempre presa a sua razão pela mais resistente e profunda raiz moral?

Eduardo Prado, como se vê, era um combatente sincero, franco, leal, não tendo occultado jamais, sob e entre os rebochos de uma perversa dobreza, a coragem de sua convicção; e por isso, apesar do desaccordo politico e religioso que sempre nos separou, pois sempre lutamos em campos oppostos, commungo nos aproximasse um do outro o terreno neutro da Arte, rendo hoje preito e homenagem ao seu grande espirito, cuja immortalidade subjectiva refugio nas boas accões que praticou e nas bellas obras que produziu.

S. Paulo—1901

WENCESLAU DE QUEIROZ

## EDUARDO PRADO

Conheci-o alguns dias antes da sua morte, por occasião de ser elle recebido no Instituto Historico.

As ser-lhe apresentado, senti uma impressão que nada se parecia com a desillusão e os desencantos que ordinariamente nos infligem nomes ruidosos quando nos aproximamos das respectivas pessoas. O homem que eu admirava de longe, e em tudo que nos dava o seu masculino e brilhante espirito, não descreveu visto de perto. Antes, devo dizel-o sinceramente—a presença daquella nobre figura humana como que completa, no meu conceito, o que a admiração havia começado: o espirito affirmou-se francamente como um typo legitimo de representativo, desses que honram, não somente uma geração, mas todo um povo ou uma raça digna de esplendor na historia.

Rio, 1901

ROCHA POME

## DR. EDUARDO PRADO

Duas mortes depois que exerceo o cargo de bibliothecario do Instituto Historico e Geographico Brasileiro causaram-me profundo abalo: uma—a do general Couto de Magalhães, cuja amizade inquietei em cinco ou seis vezes eu que com elle estive em amistosos palestras, e outra—a do dr. Eduardo Prado, que tive a ventura de conhecer ha cerca de dous mezes e que foi para mim um verdadeiro mestre, tanta era a sua illustração e profundo conhecimento das cousas do Brasil.

Pensava sobre o veneravel Anchieta a fama de ter ajudado o carrasco no supplicio de João de Bolés.

Os drs. Candido Mendes, Ramiz Galvão e Padre Novais, ha annos, projectaram muita luz sobre esse assumpto, mas abraçei entusiasmaticamente o dr. Eduardo Prado quando este me asseverou que possuia a copia extrahida dos cartorios da Inqvisição, pela qual se provava não ter sido supplicado Bolés no Rio de Janeiro, limpando-se assim da memoria de Anchieta essa supposta noção.

Possuia tambem o dr. Eduardo Prado a copia duma especie de relatório do que praticou no Brasil Mem de Sá; dizia-me o illustre paulista, que, quando viesse á imprensa esse trabalho, dissiparia muitas duvidas sobre as primeiras épocas de nossa historia.

Falava-me elle com enthusiasmo da biographia, que ia publicar, do padre Manoel de Moraes. Nas intimas palestras que tínhamos no salão do Instituto, faziamos reciprocamente perguntas *d'alguiera*, e o dr. Eduardo Prado respondia com a maior promptidão e firmeza sobre vida de auctores, edições de obras, intertuição de manuscritos, usos e costumes antigos e milhucias particularidades da vida de nossos antepassados.

A sua morte foi uma calamidade para as letras patrias e para o Instituto, de que era profundo admirador, pretendendo dedicar-se com todo o esforço em prol do engrandecimento dessa instituição.

Grato á sua memoria, alio-me em ultimo logar nas fileiras dos seus numerosos admiradores.

VIEIRA FAZENDA

## Eduardo Prado

Passou á existencia piedosa dos espiritos, á branca mancha inalteravel do espaço, esse que era em nossas letras a erudição movimentada pela energia de um talento vivaz. Conhecendo-o, só lhe negaria o valor que fosse incapaz de sentir o doce, o humilde, o religiosissimo prazer de uma admiração sincera.

Que parente ou amigo, que camarada ou confrade, que brasileiro, finalmente, recebeu a noticia da sua morte—que foi um desmoronamento de expectativas e de sonhos... sem experimentarmos duramente uma dor cheia de dores, dessas que ficam largo tempo triturando o coração?

Celidado na razão outomnal da vida, nessa idade heroica em que Virgilio fez a *Eneida*, e a mentalidade amadurecida se desabotoa nos fructos opimos do que dantes entesourou, o que foi e o que produziu o dr. Eduardo Prado são bens que ficarão commosco e na memoria dos posterios, pela gloriosa reaurreição, e para a apothecose triumphal, de seu engenho.

No mundo do pensamento, guardam os estudiosos, como as vestes, o fogo sagrado; e a luz que brilhou uma vez nunca mais de todo se apaga. A sua alma, pois, concretizada na plastica sobberba dos monumentos que nos legou, ali está recolhida, ali palpita, ali vive. A falta que nos faz é do muito que podia e já não pôde fazer, porque a morte lhe paralisou a cerebração potente e immobilisou aquella mão que scintillava sobre o papel, a entretrezer, na phrase do poeta, finas telas de ouro, em tudo quanto feccando imaginava e elegantissimo compunha.

O dr. Eduardo Prado, embora não empregasse no burilar dos peridos o acurado lavor desse Eça de Queiroz, que fora seu amigo, e dos mais intimos, nunca deixou de ser um artista perfeito, e, em todas as suas manifestações, um estetha consummado: era um temperamento aristocratico, dos nobres typos de uma idade que já se foi...

O seu genio de aventuras levou-o a peregrinar por longas terras; a sua ancia de saber deixava-o quedado, horas a fio, no remanso das bibliothecas e dos archivos, que têm, no ar ruidoso das capitães, a augusta poesia de templos silenciosos em que se recolhiam as cinzas de um passado extincto: era ali que elle ia conviver com o pensamento tranquillo dos grandes mortos...

Deu-lhe umas exterioridades scepticas a atmospheria enervadora e tepida dos *boulevards*, e o ar elegante do parisiense se lhe trabia na causticidade da ironia voltairiana; mas, sob taes apparencias enganadoras, o que de facto havia nelle era antes uma alma terna e apaixonada, como a do visconde de Chateaubriand.

Justificam este simile: o gosto ás viagens; a fidalguia do tracto; as qualidades litterarias; o catholi-

cismo ardoroso e puro; o amor, quasi romântico, ao regimen desahido, que nada mais lhe podia dar, em que applicado florisse o seu bello talento.

Mais do que a actividade dispersiva da imprensa politica e dos seus impulsos de polemica; mais do que os titulos, que tantos possula, de sociedades scientificas, fariam a sua exaltação dous serviços principaes que elle prestou á nossa historia e á nossa litteratura.

Foi o primeiro ter concorrido, em magna parte, para a completa glorificação de José de Anchieta, o santo que se apostavam muitos a apresentar como deshumano supplicindor.

O segundo consiste em um trabalho que deixou no prelo sobre o mal conhecido auctor de uma *Historia da America*, que nunca foi descoberta: é o lendario Manoel de Moraes, que, despidido o habito, apostou, enleado por uma holandezia formosa.

O dr. Eduardo Prado, agora que seu espirito se enamora do estudo da nossa historia, para o qual dispunha de sobejos elementos, deixa, pois, um vacuo por muito tempo imprehensivel.

Com Affonso Celso e, até bem pouco, com Joaquim Nabuco, o mais velho dos tres, elle formava o luminoso triangulo monarchista dos novos; e nada cedia aos outros nem pelo ingenito valor, nem no entranhado affecto que dispensava ás cousas da nossa patria.

Não, que não o acompanhavam em suas respeitaveis convicções (e, numa época de abatimento moral, eram ellas, aliás, um modo seu de ser distincto), sabemos, contudo, quanto, perdendo-o, perde de nelle o Brasil, e, assim, não podemos negar á sua morte a homenagem destas inertes, frias, descoradas linhas.

Espirito de combate, a sua vida não foi, como a de outros, uma nuvem de poeira...

O pantheon das letras nacionaes guardará em um bloco de mármore a accentuação lapidada de seu vulto de Hercules!

SILVIO DE ALMEIDA

Eduardo Prado, para mim, era como um diamante do mais puro quilate, caprichosamente lapidado: refrangia a luz por todas as facetas, brilhava com todas as cores do prisma, possuia todas as cambiantes do iris.

E que, em tudo, elle era natural e fino. O seu talento, verdadeiramente multiforme, cultivava, por assim dizer, quasi todas as searas do saber humano: o jornalismo, a litteratura, a polemica, a geographia, a historia, a investigação scientifica, a critica, a palestra crutida, a oratoria, a politica, o direito, a religião!

E elle (não ha negar) se mandou sempre um luminoso e um forte. O seu grande merito foi ter bem aproveitado a sua intelligencia, foi ter sabido querer. Muito embora possuísse fortuna, jamais se deixou empolgar pelas mil seduccões da vida facil, tão tentadoras e perniciosas, ao contrario do que acontecia com tantos outros que por ali vivem parvamente e inutilmente.

Apesar dos seus muitos adversarios de crencas e doutrinas (quem os não tem?), triumphou com gloria—porque o Talento, afinal de contas, sempre acaba por vencer. Mas a sua conquista poderia ser maior ainda, se a Morte o não levasse tão cedo deste mundo!

Em todo o caso, o seu nobre vulto ali está, idealmente vivendo o palpitando no pensamento e no coração do Povo, admirado e querido por todos nós, que nelle vemos, não só um patriota aristocrata e voluntario, mas um verdadeiro homem do seculo que corre.

E eu, que me desvaneco em ter sido um dos seus intimos; eu, que nelle apreciava, antes do mais, a doce ironia e a bondade de alma (aquella «graça innata» e aquella «intelligente mansidão» a que allude Eça de Queiroz); eu, sinceramente, nunca devera faltar a esta romaria de amigos, afim de vir esfolhar tambem algumas flores tristes á beira do seu tumulto...

ENRICO DE GOES

## E. PRADO: UM ESCRITOR

Não obstante ter boas relações com Eduardo Prado e conservar delle provas de excellente camaradagem litteraria, que me são preciosas, não o conheci bastante para fazer a sua obra de jornalista. Posso, pois, dizer com intima convicção, e não menos profundo pesar de falar no passado, que elle foi um escriptor, na mais nobre e justa accepção desta palavra. Anda ella barateada nos escriptores de toda a sorte, por pouco que tenham alguma orthographia e syntaxe—e ainda a alguma que nem isso têm.

Não é na corriqueira accepção usada que a emprego falando de Eduardo Prado. Quero com ella significar o homem que, tendo realmente alguma cousa que dizer, digna de ser dita e ouvida, sabe dizel-a, o que supõe saber, capacidade de ideias geraes, sciencia da lingua, detecção de artista da palavra escripta, o sentimento das cambiantes da ideia e da linguagem.

Tudo isto, com outras qualida-

des relevantes no escriptor, como a ironia, a farsa, a graça, a facilidade, a clareza, possuia em grau nullo e em nullo a nossa litteratura, e no nosso jornalismo, Eduardo Prado. E se não se lhe pôde chamar verdadeiramente um grande escriptor, é porque não lh'o permitiram talvez o seu genio um pouco dispersivo, a fragmentação e pouca variedade da sua obra e, sobretudo, a sua morte prematura.

Elle chegava justamente á maturidade, á idade das grandes obras, quando nos deixou com a amargura de ver desaparecer com elle um dos raros a quem a mais difficil e rigorosa critica não podia deixar de ter como um escriptor de excepcional valor.

Que fortes e bellas cousas não nos poderia ter elle dado se vivesse e trabalhasse, no ramo dos nossos tão abandonados e tão mal feitos estudos historicos? Elle, porém, tinha talento, capacidade, virtuosidade, para lavar campos diversos, tirando de todos magnificas searas. E esta confiança, iniquamente gozada, que, fôrta das afeições pessoais, faz dolorosamente sensíveis e profundamente lamentaveis mortes como a de Eduardo Prado. Não duvido dizer que nelle perdeu a intellectualidade brasileira um dos seus mais singulares representantes, e a litteratura brasileira um raro escriptor.

J. VERRISSIMO

Rio, 15 de setembro

## Eduardo Prado

E' tal a minha convicção na vida immortal e na existencia progressiva do espirito para o aperfeçoamento de todas as suas modalidades, que, ao deixar-nos nesta estação terrena um dos grandes companheiros de jornada, quasi que sinto como um extranho prazer, inexplicavel, porém nobre, por ver o finalmente livre do humilhante carcere de barro, em cujas tristes grades as azas da alma se debatem soffregas, na ancia heroica de um largo vôo pelo espaço, calmo e azul. Affigura-se-me, nem sei mesmo porque, que esses companheiros partem, voando, subindo, no turbilhão de uma clarissima luz, para alguma outra esphera, longe, em que se viva de uma vida mais vibrante e intensa e, ao mesmo tempo, numa comprehensão mais lucida dos sentimentos e das ideias reciprocas, em que a alma, branca e mystica, possa alondrar-se se muito alto, sem manchar-lhes a neve impoluta dos sonhos no verde-escuro deste pantano terrestre, sobre que, como uma ironia causticante, o sol entorna o cachoeiral d'ouro de uma luz dando-nos a illusão das algnas e dos gosos.

E' por isso, talvez, enleado na previsão de outra vida mais livre e ao mesmo tempo mais entrelaçante das almas, que evito, quasi sempre, a intimidade e o convívio dos Grandes, como que querendo apenas sentir-as e amal-os na deliciosa abstracção das supremas formas subltas da Perfeição, sem approximarme do envolvero carnal, em que, parece-me, a essencia delicada perde o elastico e a pluriformidade expansiva de seu arismo, tal como um perfume fino prisioneiro nas paredes grossas do crystal de um frasco.

Para esses, para os grandes, que eu elejo na urna impenetravel do meu sentir, no silencio deliciosamente triste de minha alma errante, ha sempre um santuario no meu coração, onde encerro, num egoismo inenarravel, escondida, a minha admiração. Ah! onde só eu pontifico, celebro o meu culto e tanjo, sonora e fremente, a minha alleluia para os Resurgidos do Barro.

Para esses homens extraordinarios, de cuja vida humana eu quero apenas escutar o ruido dos combates que se travam no campo murado da sua alma, e que eu ouço através das suas obras; que eu lo Briggs pela setteira dos torresões de prata massiva e eterna, de onde elles desferem os seus dardos de ouro; e penetro, varando com o olhar, o bruido fero das suas reluzentes armaduras; e o direito de, da minha sombra, fitar-os, vel-os saltar na arena, nas suas classicas dos torneos, fazendo taisear ao sol a ponta rutila da lança, olhos postos na Gloria, a loura castella que do alto palanque florido lhes sorri na promessa da Conquista e do Noivado, accendendo-lhes na alma o fogo da nobreza e da coragem.

Dahi do meu sombrio retiro lhes acompanho os movimentos e gestos, lendo-lhes no olhar coruante e vivo, durante a esgrima, a confusão da peleja, o sentimento que os anima, incutindo-lhes a aguilidade e a força, a dextreza e a elegancia, os impetos e a calma.

Esse Eduardo Prado, que deixou a vida na força de uma saúde dupla, de corpo e de espirito, como n'um relance de ironia fina e incisiviva, a que tanto se habituava a sua formosa penna, era um desses homens.

Para elle, pois, neste dia do glorioso luto, em sua memoria, estas simples palavras, suggeridas pela evocação saudosa de toda a sua fidalguia, de toda a sua personalidade viva, original e excentrica, tocada d'um enorme clarão de arte simples, terna, acclamadora e contemplativa...

FELIX BOCAIUYA

Rio—26—6—1901.

## O NOSSO EDUARDO

Quando, nos primeiros tempos desta República, escrevia eu contra os dominadores que haviam saído do poder, chegaram-me os artigos, vigorosos e brilhantes, com que *Frederico de S.* exordia os *Fatos da ditadura militar no Brasil*. Que animação e que consolo! Não eram então eu e alguns raros amigos os únicos a nos insurgirmos contra a violência e a injustiça coroadas pelo triunfo!

Aqui, no Rio de Janeiro, logo a voz publica attribuiu aqueles artigos ao conselheiro Lafayette, mestre em finas sátiras políticas; mas errou a voz publica: eram de Eduardo Prado, cujo nome entrou a popularizar-se no correr dessa formosa série de quadros contemporâneos, tão verdadeiros e tão magistralmente acabados.

Mais tarde, quando Eduardo veio ao Brasil, tive ensejo de pessoalmente conhecê-lo num jantar íntimo, onde comigo se assentaram a mesa, além de outros, o Eduardo e o Rodolpho Dantas—duas eternas saudades—e o Joaquim Nabuco, uma saudade e uma decepção.

Desde então, não frequentemente, mas sempre que o permitiam as circunstâncias, privei com Eduardo Prado, em quem se me deparava a feliz aliança de um grande talento e de um nobre coração.

Um dos muitos rabiscadores de crônicas nesta cidade disse, outro dia, que o nosso finado amigo era católico e monarquista *por chic*. No rol das últimas sandices, esta me ficou de memória. Esgulmente se poderia duvidar de todas as crenças e convicções. Moço, rico, pertencendo a uma das mais distintas famílias da nossa terra, Eduardo retrahiu-se e viveu doze anos dentro do templo em que enforava duas ideias. Morreu monarquista, e suas últimas palavras foram um supremo protesto da sua fé no Deus humanado dos cristãos.

Isto me attenção a tristeza, e, além da saudade, me aponta um lugar onde nos encontraríamos. Se a coexistência política de Eduardo Prado é um exemplo, sua morte, nesta quadra de tantas desgraças, é uma solenne e sublime lição.

A porta do hotel em que se hospedara, no largo de Isabel a Rememprora, encontramos-nos, dois ou três dias antes da sua partida para S. Paulo, e eu e o meu saudoso amigo, fomos, a pé, até a residência do velho Ferreira Vianna, onde se palestrava cerca de uma hora, ou mais, que as horas passavam rápidas na convivência de tales amigos. Voltando, propuz-lhe tomar um café; mas elle preferia que viessemos também a pé, para conversar mais tempo.

Passámos pela porta do hotel, e ali o avisei, cuidando que nos despediríamos... Mas elle ainda quiz prolongar aquella *primeira*—a ultima!—fazendo a fineza de acompanhar-me até ao sopé do morro de Santa Theresia... Pobre amigo! e com que maravilhoso instinto de falava o coração prolongando a nossa derradeira palestra!

Para os que, como eu, crêem na immortalidade da alma, a morte nem tudo rompe com os seus golpes. Sei que elle vive, e quando, de novo, quizer reatar a nossa conversa, bastar-me-á reter algumas das suas paginas. Nellas o reverei todo, com o seu imitativo *humour*, mixto de ironia que fora todo ingenuidade, se não illuminasse a muita bondade do espirito brasileiro. Ellas—as suas valentes paginas—hão de confortar-me com dous ensinamentos: a fidelidade aos princípios políticos que ambos defendemos; e a vivíssima crença no Deus a quem adoro, e a quem elle, moribundo, enviava o ultimo anheio.

CARLOS DE LAGE

## Eduardo Prado

A ultima vez que vi Eduardo Prado foi na véspera de deixar esta cidade para recolher a S. Paulo, dizem que com o germen do mal da morte em si. Naquella occasião era todo vida e saúde. Quem então me dissesse que elle ia também deixar o mundo, não me causaria espanto, porque a injustiça da natureza acostuma a gente aos seus golpes; mas é certo que em buscaria maneira de obter outras horas como aquella, em que me delicias ao pé d'elle, para ouvir-o e admirá-lo.

Só fálamos de arte. Ouvi-lhe noticias e impressões, senti-lhe o gosto apurado e a critica superior, tudo envolvido naquella tom ameno e simples, que era um relevo mais nos seus dotes. Não tínhamos intimidade; faltou-nos tempo e a pratica necessaria. Antes daquella vez ultima, apenas fálamos tres ou quatro, o bastante para considerá-lo bem e cotejar o homem com o escriptor. Eduardo Prado era dous que se deixam penetrar sem esforço e com prazer. O que agora li a seu respeito na primeira mocidade, na escola e nos ultimos annos, referido por amigos que pareciam não esquecer o mal, confirma a minha impressão pessoal. Do resto, os seus escriptos mostravam bem o homem. Apanhava-se o sentimento da harmonia que ajustava a vida a vida moral, intellectual e social.

Principalmente artista e pensador, possuia o divino horror á vulgaridade, ao logar-commum e á declamação. Se entrasse na vida politica, que apenas atravessou com a pena, em dias de lucta, levaria para ella qualidades de primeira ordem, não contando o *humour*, tão diverso da chalacha e tão original nelle. Mas a erudição e a historia, não menos que a arte, eram agora o seu maior encanto. Sabia bem todas as cousas que sabia.

Naturalmente remontei commigo, durante aquella boa hora, e ainda depois d'ella, ao tempo das cartas de viagem que nos deu tão rica amostra de um grande talento que viria a crescer e subir. A materia em si convidava ao egotismo, mas elle não padecia desse mal. Também faria correr o risco da repetição de cousas vistas e pintadas, que se não acha aqui. A facilidade de ver claro e largo, a arte de dizer originalmente a sensação pessoal, elle as possuia como os principaes que hajam andado as terras ou rasgado os mares deste mundo. Invenção de estylo, observação aguda, erudição discreta e vasta, graça, poesia e imaginação produziram essas paginas vivas e saborosas. Aquella partida de Naples, sob um céu chuveiro e de chumbo, não esqueço. Relê-se com encanto essa explicação do tempo aspero, durante o qual o céu napolitano se recompõe, para começar novamente a opera com os cores de pescadores e as barcarolas, a musica de luz e de azul. Assim Africa, assim todas as partes onde quer que este brasileiro levou aancia de ver homens e cousas, cidades e costumes, a natureza viria entre ruínas perpetuas, através de regiões remotas...

Conta-se que elle chorou, quando morreu Eça de Queiroz. Agora, que ambos são mortos, alguém que imaginasse e escrevesse o encontro das duas sombras, á maneira de Luciano, daria uma curiosa pagina de psychologia. As confabulações de taes espiritos são dignas de memoria. Sternos escreveu que um dia, conversando com Voltaire... e imagina-se o que diriam elles. Imagina-se o que diriam, todas as noites, Stendhal e Byron, passeando no solitário *foyer* do theatro Scala. Quando Montaigne ouvia as historias que Amyot lhe ia contar, podemos ver a delicia de ambos e admitir que as visitas continuam no outro mundo. Assim se podia dizer do Eça e do Eduardo, por um texto que exprime o talento, o amor das cousas finas e bellas, e, enfim, a grande sympathia que um inspirava ao outro.

Quando me despedi de Eduardo Prado, naquella dia, vim perguntando a mim mesmo se teria vida bastante para ler e admirar as obras-primas que esse illustre brasileiro levava no cerebro em gestação, ou em germen, e durante muitos annos viriam abastecer a nossa lingua e a nossa terra. Seis dias depois, era elle que morria. Chamei injusta a natureza; bastaria dizer—indifferente.

MACHADO DE ASSIS

Rio, 21 de setembro de 1901

## Eduardo Prado

Foi em 1880 que eu me encontrei pela primeira vez com Eduardo Prado, sem o conhecer, numa manhã de agosto, na loja *do Taithe*, que Leo de Affonseca recentemente abriu em uma casa da rua Direita, proxima ao largo da Sé.

Nesse tempo, elle era um magro, como eu fui sempre. Quando entrei, Eduardo, que discretava com o Leo, rindo, fixou-me com os seus olhos de myope, através de um largo pinço-nez de tartaruga, e indagou quem eu era. E, ouvindo o meu nome, elle, que toda a vida amou o paradoxo, sorriu e disse a meia voz:

—Redondo! não pôde ser, este é o *comprido*.

Num impeto de despeito estúpido, inflaguei do nome do espirituoso e hilariante personagem, e, ouvindo-o, disse também a meia voz: —Eduardo Prado! não pôde ser, este é o Eduardo *tofo*.

Esta sensaboria tornou-nos hostes durante annos. Em 1882, quando se inaugurou em Santos o *Theatro Quaryny* e alli se representou o meu drama *Mario*, Eduardo foi, como representante do *Correio Paulistano*, assistir á inauguração, e, depois, zurziu-me com a sua verve implacável. Era uma desforra e podia ser um acto de justiça. Não me magoei com isso, nem me queixei.

Desde então, perdi-o de vista. Elle partira para o estrangeiro, dando expansão ao seu ardente desejo de viajar. Não aqui ficara moirando, a cavar o pão, na lucta rudo pela existencia, que para elle fora sempre tão facil e tão delictosa. Annos assim correram, sem que nos viessemos, sem que maldizéssemos um do outro.

Os seus artigos publicados na *Gazeta* sobre as viagens que fizera á Siella, ao Cairo, á Alexandria, a todo o Egypto, attiraram-me, e, mau grado o meu resentimento, deram-me horas de intenso prazer intellectual. Foi só depois de proclamada a Republica, quando elle já havia publicado na *Revista de Portugal* os *Fatos da ditadura militar*, que eu o tornei a ver.

Já não era um magro, e eu continuava a ser-o. Um amigo commum puz-nos em contacto.

—Cada vez mais *comprido*, disse-lhe ironicamente, no acto da apresentação.

—E eu, cada vez mais *tofo*, retrucou elle, tão tolo que aqui estou enfrentando o odio dos republicanos, o seu odio, talvez, e as bajuletas do exercito.

Desde esse momento ficámos amigos.

Quando, mais tarde, a Academia Brasileira nos fez immortaes, elle, encontrando-se commigo, observou: —Quão differentes os caminhos para conquistar a immortalidade! Você, com *caricías*, eu... com *ar-ranhões*!

E, referindo-se á singularidade de sermos exactamente nós—o *comprido* e o *tofo*—os únicos representantes da Academia em S. Paulo, inquiriu se havia feito bem acolhendo o visconde do Rio Branco para patrono da sua cadeira e procurou justificar a escolha, demonstrando que Rio Branco não fora só um grande estadista, mas, e principalmente, um fino burlador da palavra, um homem de letras, enfim.

Começara, então, para Eduardo Prado o periodo febril da produção, quando o seu espirito, robustecido pelas viagens, pelo estudo e pela meditação, principiava a perceber a necessidade imperiosa de expandir-se, de manifestar-se, de transmittir ao publico os seus pensamentos, as suas ideias, o seu modo de ver, de sentir. Nessa época, já elle havia adquirido *O Commercio de São Paulo*, já havia publicado a *Ilusão Americana*, já havia felleo, por causa desse livro—bem mais innocente, sob o ponto de vista politico, do que os *Fatos da ditadura militar*—a sua viagem por terra á Bahia, durante a qual tantas cousas desconhecidas e interessantes viu, já tinha ido tres ou quatro vezes á Europa, já tinha visitado toda a America, já havia collaborado com Rodas e com o barão do Rio Branco em obras de propaganda e de vulgarização sobre o Brasil, e iniciava a serie de conferencias sobre Anchieta, que mais tarde a Casa Allard, em Paris, reuniu e publicou em volume.

Combatente por temperamento, monachista por dilettantismo, Eduardo Prado revelou-se sempre um artista de raça. Um escriptor primoroso e um brasileiro apaixonado pelo seu paiz, paixão que o absorveu durante toda a sua existencia, que o arrastou ao estylo minucioso e constante das cousas e dos homens da sua terra, que elle investigou com uma paciência do chim ou de beneditino, desenterrando da poeira dos archivos e das bibliothecas informações preciosas, documentos e livros de alto valor historico e bibliographico, com que opulentou a sua escolhida e valiosa bibliotheca.

Da vastidão de conhecimentos que possuia esse homem, tão abstracto sempre na convivência social, ás vezes mesmo tão frívolo na apparencia, sobre a historia e a geographia do Brasil, que foram a sua paixão dominante, só o sabem aquelles que com elle conviveram, que com elle privaram, que o leram nestes ultimos tempos, que o ouviram no abandono e na liberdade das palestras intimas.

Você ha de ir commigo ao Rio-jão, dizia-me elle, depois que regressou da ultima viagem á Europa; quero que passe alli quinze dias commigo, para mostrar-lhe o que posso, toda a minha riqueza, que não está no café, mas nos livros, nos mappaes, nos manuscritos, e documentos que adquiri sobre o Brasil. Não imagina que preciosidades descobri agora em Lisboa. Venha, vamos marcar o dia.

Nunca marcámos o dia, e, pouco mais de um mez depois, a febre amarela empolgava-o estúpida e trahoeiramente, arrebatando-o no vigor da saúde e do talento, precisamente no periodo culminante da sua existencia, no periodo em que o seu espirito, completamente formado e orientado pelo que lera, pelo que vira, pelo que entesourava nas fossas da sua prodigiosa memoria, tudo prometia e tudo ia dar.

Não sei exprimir o paeiro e a pungente consternação que se apoderaram de mim, quando, uma manhã, ao abrir os jornaes do dia, encontrei o nome de Eduardo Prado entre tarjas negras e li a surpreendente e desoladora noticia do seu fallecimento.

Que! Pois esse homem tão forte de corpo e de espirito, tão juvenil e tão irrequeto, que poucos dias antes tivera uma recepção tão festiva no Instituto Historico do Rio, que alli entrara como um vencedor pela porta larga do merito, encantando um auditorio de escó com os primores de uma oração admirável pela forma e pelos conceitos, oração que todos os jornaes transcreveram e que toda a gente leu com emoção e jubilo, esse homem havia cahido fulminado, como um roble que o raio abate!

Era bem verdade. E durante horas, horas de desvio e do estupor, a minha imaginação evocou a sua imagem, tão insuante e tão caracteristica. O prejuizo que o Brasil teve com a morte de Eduardo Prado é incalculavel. O que a tumba voraz tragou não foi só o primoroso escriptor, que traçou, num estylo trançado e encantado, as formosas paginas

das *Viagens*, o elogio de Anchieta e dos jesuitas, o artigo biographico de Eça de Queiroz e tantas outras bellas paginas esparças em jornaes e revistas; não foi só o lapidario da palavra que Eça e Raulinho, os revolucionarios das letras em Portugal, tanto apreciavam e tanto louvavam; não foi só o prosador elegante e terso que sabia como pouca derramar o delicto, por a sedução e o encanto em tudo quanto escrevia; foi, e principalmente, o historiador preparadissimo dos homens e das cousas do Brasil colonial, que a sua pena preste estava a fazer resurgir, vivo e palpante de luz e de verdade.

Dotado de fortuna e de talento, elle possuia os elementos preciosos para, sem constrangimentos, sem sacrificios e sem hesitações, satisfazer a sua paixão dominante, E. si-tiel-a, empregando a sua mocidade e o seu dinheiro, não em prazeres frivolos, como tantos outros fazem, mas estudando, lendo, viajando, observando e adquirindo tudo quanto de bom e raro encontrava sobre o passado do seu paiz. E, assim, conseguiu reunir um manancial fertilissimo de informações e preparou-se para ser um historiador perfeito e consciencioso.

A morte, que o surpreendeu quando, de pena em punho, já traçava o primeiro volume da serie que pretendia escrever e publicar, destruiu em um momento toda essa accumulção de annos e todas as esperanças dos que o seguiam na sua ascensão para a gloria.

Foi uma fatalidade irreversivel. Mas, se o historiador embryonario se calou para sempre, resta sempre a fonte limpa onde bebem o seu saber: resta a sua vasta e valiosissima bibliotheca, que, certamente, a inditosa familia do illustre finado não ha de consentir que apodreça, esteril, sepultada nos ermos umbrosos do Brejo.

Dotado de sentimentos nobilissimos, estou em crer que a familia de Eduardo Prado fará transportar para aqui a sua bibliotheca, para doal-a ao Estado, ou para pol-a á disposição dos estudiosos, que possam tirar d'ella o mesmo proveito e o mesmo ensinamento que tirei aquelle que tão pacientemente, com tão elevado criterio e amor, a formosa *Tal bibliotheca* desvotou o nome de Eduardo Prado, para que esse nome fique perpetuado na lembrança do povo deste paiz, que elle tanto amou.

Creio que nenhum monumento mais digno do seu saber, do seu talento e do seu patriotismo poderia ser elevado á memoria pranteada desse intellectual illustre.

S. Paulo, 25 de setembro de 1901

GABRIEL RODRIGUES

EDUARDO PRADO foi a mais energica expressão da influencia materna na educação da primeira infancia. Sua veneranda Mãe, um espirito superior, modelado em uma atmosfera profundamente católica, exerceu sobre o seu sensível coração um tal ascendente, que, não obstante todas as tentativas com o mundo moderno, não conseguia modificar o movimento imprimido para o ideal ultramontano. Encontrando no campo da historia a grande concepção de Deus, á qual a humanidade deve o seu, talvez, mais importante e mais difficil passo na marcha da civilização, abraçou-a com a alma aguçada e já mais pôde conceber á ciencia e a doutrina de consideração como uma das hypotheses mais respeitáveis e fecundas. Entretanto, era notoria a irresistivel atracção que impedia Eduardo Prado a procurar ao commercio dos espiritos emancipados as mais puras fontes de seus gostos intellectuaes. Foi um excellent amigo de grande numero de livres pensadores, foi um cidadão de todos os paizes.

Dr. L. P. BARRETO

## Extincto!

Uma agonia que dolorizou intensamente o nosso coração, foi a morte do erudito Dr. Eduardo Prado.

Apreciámos muito a plasticidade do seu estylo de escriptor e a ironia finamente galeza com que soube polemizar na imprensa, bem como a energia vigorosa dos seus argumentos e raciocínios desenvolvidos nas paginas dos seus livros de combate.

No temperamento do destemido luctador espirital, havia uma linha rectilínea, como elle a galanteria bellissima do cavalleiro francos que o poeta celebrou em *Messire Duguesclin*, linha de fidelidade, esplendor adamantino do caracter que robusteceu as convicções.

Agora que elle se achá inanimado na algidez do sepulchro, todos nós, que admiramos e applaudimos o seu talento superior e a magnanimidade do seu coração, podemos dizer, com Theophile Gautier, quando deplorou a morte de um insigne romantico do seu tempo:

*Il n'a causé d'autre chagrin à ses amis que celui de se voir...*

Para a mentalidade brasileira, a morte do Dr. Eduardo Prado é uma calamidade irreparavel.

Em toda a imprensa ressoam ainda os hymnos do pungentissimo saudade pelo valoroso escriptor.

Seu nome se repete como o nome sagrado dos crentes que morriam proferindo uma oração de fé nas luctas do martyrio.

LACROIX DE FARIAS

## AETERNUM VALE...

Não é ainda a occasião de se tractar desenvolvimento da individualidade de Eduardo Prado. Mal se apagou de nossos ouvidos a sua voz amiga, mal se sumiu de nossos olhos o seu semblante que logo impressionava pela extraordinaria agudeza do olhar, talvez insistente de mais, que perfurava, se enterrava sem esforço, como uma verrama d'aço em madeira molle.

Os que elle combateu e reduziu com as suas criticas inexoravelmente justas, os que com elle conviveram na troca de intimos affectos ou de simples cortezias, os que com elle amaram as ideias de que se constituia esforçando e preclaro campo, todos, mesmo os indifferentes, sentem embargos em dizer bem ou mal desse patriota que, sem contestação, era notavel no grupo dos mais notaveis.

Demos tempo ao tempo, para que este em sua accção destructora, extinga as prevenções e mitigue as saudades. Não então se poderá encontrar sob seus varios aspectos essa figura, em que se entrecruzam as energias dum romano e as luzes dum ateniense.

Não cabe no estreito mole de um artigo o seu desenho, mas nos capitulos largos e estudados de critica imparcial, homenagem condigna ao seu valor. Repetir as qualidades que nós—os amigos—enxergamos prodigiosas em Eduardo Prado, exaltar os seus serviços ás letras, a firmeza de suas convicções, é, convenhamos, tarefa que a muitos poderia parecer derradeiro preito da honra.

Eduardo Prado, convictamente o proclamamos, não carecia dessas demonstrações; elle se impunha ao juizo dos coevos e mesmo no dos posteris, não solicitava a sympathia dos analyses amigaveis e, menos, a condescendencia nos ataques dos adversarios. Elle proprio o disse, com a franqueza que lhe era innata, no prefacio dos *Fatos da ditadura militar no Brasil*, não precisou do incentivo das approvações numerosas, nem temer, tão pouco, os insultos, pois tinha a seu favor uma força muito alta e nobre — a da consciencia ao serviço da justiça.

Deixem-o em paz, no seu eterno sono, sob a benção do céu da terra paulista, que tanto lhe fazia vibrar o coração nos impulsos do mais accendrado amor. Não o vejamos agora senão pela saudade fúida, senão pela recordação do seu cavalheirismo, da sua graça, do seu espirito e da sublimidade de sua alma intensamente affectiva e honesta.

FREDERICO MARTINS

## COMO UMA VISÃO...

O Eduardo Prado que eu conheci, numa noite de inolvidavel belleza, clara, macia, balancada, frescamente arejada por uma brisa de montanha, embalsamada por uma suave sordina d'aguas, com um vivo rubrilho de estrelas que nos miravam esquivamente por entre os cascalhos da ramagem densa, no alto e agreste silencio do Corcovado, era um robusto homem, de bom corpo, alegre e audaz, maravilhosamente aperecebido para a vida: d'um bom humor invariavel, que era a sua força, d'uma sagacidade aguda, com que varava todas as difficuldades, e de uma ironia suave, que era o brilho da sua palestra sempre nova, quer viesse do remoto passado, por cima de velhas chronicas, quer irrompesse da novidade do dia, illuminando um facto ou recordando a «siluetta» de uma individualidade, mostrando a luz severa da analyse o verdadeiro valor do personagem e a mentira immensa da sua representação na chronica louvaminheira dos jornaes, que são como muralhas em que se projectam sombras.

Havia desembarcado na manhã desse dia—tornava d'uma das suas estadas viagens, como um alumno que voltasse do curso a gozar tranquilamente as férias no remanso do lar, entre grutas reminiscencias da sua infancia. Trouxera um sabio e um cão: o sabio era ainda moço, ruivo, muito andado em terras do Oriente; o cão era um possante animal, alto e negro, guia e defensor de gados, que, por prudencia, trazia o grosso focinho entre arames cruzados d'uma fideella forte.

Seguíamos, depois do jantar, o caminho sombrio que pôe uma pittoresca margem ao muro do aqueducto e, entre o sabio que admirava as bellezas e o cão que farejava os velludosos ilmos e os rugosos troncos, lento, pisando com prazer a secca e crepitante folhagem, o Eduardo ia falando da terra, apontando, a capações, o mar de um sereno esplendor, a cidade toda illuminada, colinas e serras, ilhas solitarias, como um rico-homem dos velhos tempos que houvesse agasalhado um peregrino e, depois de furtivo á mesa, salis-se com elle amigamente, circulando o castello pelo parapeito, a mostrar na humilde e repositada planicie a vasta e rica extensão do senhorio.

O sabio, trefego, espalhando os olhos pelo calado arvoredo, respirando, de cabeça alta, como se, pelo cheiro activo, quizesse reconhecer os vegetaes que, aquella hora, honestamente dormiam, ou discretamente amavam, deteve-se

um instante, á escuta, e, depois de um silencio recolhido e pensativo, despejou dos labios, num rude francez travado, uma observação—sobre ausencia de passaros que cantassem com tão linda noite.

—Sim, falta-nos o rouxinol, disse o Eduardo; e acrescentou sorrindo: —Mas tambem, meu amigo, não podíamos ter tudo. Logo, porém, como se a sensível falta dum passaro que animasse aquellas sombras graves com a sensível falta dum grande vergonha e acenaço miseria, Eduardo lançou-se pela ermitologia, e da sua bocca, por especies, vomou todas as aves canoras e as de plumagem rica que acordam o silencio e matiam as nossas bosques e quiz que o sabio visse bem a terra á radiante luz, toda branca no céu, e que contemplasse o esplendido mar e as nevadas finas que velavam as montanhas e a cidade toda abdoada em luzes, e quiz que sentisse a frescura da agua corrente e que a provasse: e o sabio, bebendo como os companheiros de Gedeão, declarou, extasiado—que era uma verdadeira delicia e baixou de novo a cabeça ruiva e fleou com a agua a brincar-lhe na bocca, a remolhar-lhe na barba, sorrindo e gorgulhando satisfeito e maravilhado.

Eduardo falou da flora, falou da fauna, mostrou estrelas no céu e, vendo luzir no chão um seixo, tomou-o e foi logo um pretexto para crystallographia. De repente, estacando, com uma ideia sinistra, referiu-se ao jequitibá da grota: o sabio mirou-o, eu recuei-a-somrada; e certamente para bem humilhar aquelle homem, que, insacavel de bellezas, invocara o rouxinol europeu, teriamos, com risco de morte, descido ao fundo abismo para admirar o monstro, se o meu instincto não se houvesse revoltado contra a temeridade daquella expedição.

Recolhemos ao salão do hotel e o Eduardo, com simplicidade, encaminhou a palestra.

O que elle sabia, aquelle rapaz que dispunha de todas as facilidades para tudo ignorar!

Os seus varios estudos convergiam para o mesmo fim: o bem da Patria—eram como diferentes canoas que corresse de varios pontos para a rega fertilizante de uma região privilegiada, como era esse valle arcano dos seus rios; elle reunia sciencia como um pai amoroso accumulava riqueza para o dote de um filho. Elle sabia tudo, estudava tudo, não se contentando com os grandes livros eruditos—respi-gava nos eies as pequenas monographias, catava memorias e antiquallas nos revendedores, consultava infolios veneraveis, corria archivos e bibliothecas, anotava, copiava, informava-se, guardando tudo como o avaro que não deixa perdido um ramo secco, lembrando-se de que, para atear o lume, mais vale, muitas vezes, um velho ramalho, do que um tronco ainda requemado a seiva. Toda essa ancia de saber, toda essa curiosidade de ver eram nelle impulsos de um mesmo sentimento, e o seu ideal era realisar o que lhe dictava esse sentimento.

Eduardo Prado era o poeta da Patria—o seu sonho era remodelar a terra maternal e aperfeçoar o homem. Correndo o mundo—subindo aos logares mortos do Egypto, trilhando estradas descriptas por Herodoto, descascando sob arcarias classicas, a cuja sombra cantaram poetas no tempo augusto do Pericles, e remergulhando na civilização occidental, voltando ao esplendor de Paris ou aos nevoeiros de Londres, logo se recolhia a redigir as suas notas, enquanto lhe entrava pelas janelas o borborinho da grande vida, elle, trancado no seu sonho, como um eremita na sua gruta, pensava no doce paiz, no verde paiz que ficava além dos mares, sempre em flor e doirado.

Mais se lhe accendia o desejo de trabalhar e colligir bellezas e utilidades, exemplos e observações para a sua obra, como se quizesse refazer a Patria com as maravilhas da antiguidade e com o conforto da vida moderna, dando-lhe o fausto e as leis sabias, a belleza e a intelligencia, o cavalheirismo e a força, tornando-a uma das mais bellas nações do mundo e a mais bella e a mais forte da America. A Arte da Grecia e o senso pratico de Roma—Pallas com a cabeça da toba—cia a utopia; o que elle queria, em summa, era ter uma Patria, era restaurar o seu Brasil, e por isso vivia, com a paciência de um reconstructor, reunindo os fragmentos do Passado e, enquanto lá fora, as conspirações ferviam, elle, no seu retiro, no campo, ou no seu palacio, em Paris, redia alfarrabos, decifrava manuscritos, compulsava in folios, para poder, um dia, oferecer á Patria a oblatada da sua veneração filial. Era um clumento do seu paiz... e o silencio foi a homenagem que teve. Foi, talvez, melhor assim—Eduardo tinha horror a discursos, principalmente quando carregavam asoclecismos.

Depois d'essa noite de inolvidavel belleza, nunca mais o encontrei: foi uma visão feliz, motivo apenas para uma eterna saudade.

CORLEJO NUNES

Campinas

## EDUARDO PRADO

Foi justamente, por meu mal, na derradeira estada de Eduardo Prado nesta cidade que se fizeram minhas relações pessoais com o saudoso patriota.

Ja na brilhante sessão do Instituto Historico, em que tomou posse de sua cadeira, Eduardo Prado se entreteve comigo acerca de trabalhos de historia que estava emprehendendo. Depois, mais de uma vez, me procurou para se informar de trabalhos que o interessavam e dos quaes desejava ter noticia.

Por meu mal, disse-o, essa aproximação se operou. Elle depois partiu e ali chegou para morrer. Se o não tivera conhecido na encantadora simplicidade de seu trato, de sua morte apenas me ficaria o sentimento que em todos despertou a perda prematura de um brasileiro que, pela firmeza de convicções e amor ao trabalho, dava aos contemporaneos o exemplo de duas virtudes que se vão tornando raras nos dias de hoje.

Tendo convivido com elle, porém, se bem que por alguns dias e experimentado o ineffavel encanto de sua intimidade, o golpe rude dessa morte inesperada veio ferir-me também o coração.

E por isso, quando este jornal celebra a vida e commemora o triste passamento de Eduardo Prado, succedendo ao convite do seu illustre director, aqui deixo nestas simples linhas a manifestação do meu respeito ao brasileiro emérito e de minha saudade ao adoravel compatriota.

Rio, setembro 1901.

RODRIGO OCTAVIO

EDUARDO PRADO nunca transigiu com suas crenças religiosas e politicas; guardou-lhes inalteravel fidelidade até o derradeiro momento.

Não era, contudo, um intolerante, na accepção commum desta palavra: em religião, mantinha-se na defensiva, mas, quando era miúdo, sabia repellar com proficiencia e muito vigor os golpes da impiedade; em politica, tinha sempre palavras de indulgencia para as fraquezas alheias, buscando attental-as, se as não podia desculpar, quer fossem de amigos, quer de adversarios.

Polemista de rara sagacidade, sabendo manejar com muita destreza a ironia fina e penetrante, nunca infringia os preceitos da cortezia; repugnava-lhe tudo o que era vulgar.

Era um erudito e escrevia primorosamente.

Os *Fastos da Dictadura* e a *Ilusão Americana* attestam, a par de grandes qualidades de escriptor, o seu entranhado amor ao Brasil. São dois livros de alto merecimento, principalmente o ultimo. Quem os escreveu com tanto amor da verdade e da patria, bem podia dizer de si: *non omnia moriar*.

Dizem-me que no trato intimo era encantador; sei que no commum era muito simples e bonzoso.

Brasileiro illustre entre os mais illustres, Eduardo Prado viverá sempre no coração dos amigos e na memoria do paiz, que lamenta haver-lhe o perdido tão cedo.

Rio, 6 de setembro de 1901.

LOURENÇO DE ALBUQUERQUE

## Carta a Eduardo Machado

SORBET

## EDUARDO PRADO

Meu caro confrade: A noticia da morte, assim inesperada, de Eduardo Prado, não foi de dor somente aos que o conheceram e tiveram a felicidade de viver com o seu espirito magnifico de Esthetista. Causou magua a todos: os intellectuaes, que amamos muito aos que sabem sentir e amar com um sentimento e um amor especiaes, diversamente los outros homens.

E, por minha parte, sem hypocrisia nenhuma, confesso que a minha Alma verte lagrimas, quando eu me lembro de que o Genio, o Deus, o Longe indefinido e o gnoto, um Espirito que passou por terra immortalizando uma Epopeia e illuminando uma Lingua.

E chego até a formular hypoteses que são disparates de philosophia maluca, impugnando acerbamente as leis do Grande Deus, ue deverei redimir, da rede fatal do Desapparecimento, os que nasceram guiados pelo cometa do Genio, ainda no berço, a adoração dos Reis e dos Pastores, que constabam toda a admiración que a de ter, na Vida, o reencarnação, dominando superiormente os einos e os Povos.

Porque... vêm-me á phantasia de *Sibol* nos meus devaneios ardores, porque não poderiam exercer uma mercê, uma prerogativa que seria generosa para a humanidade inteira—os homens se têm e tiveram, qual Dante, qual Shakespeare, qual Miguel Anjo, qual Goethe, qual Wagner, qual Villiers, qual Poe, qual Hugo, qual Goncourt, qual Siemkiewicz, qual Ibsen,—o fogo sagrado sobre do Cerebro, a sagrada e a devotação na vertigem da Inesperação?

Além da utopia, está visto;

mas que me faz figurar de Hamlet, muita vez, entre as quatro paredes do meu quarto, envenenado das minhas sciencias de idealista orthodoxo.

Não quero que V., ou qualquer outra pessoa, supponha que, na classificação a que alludi, pude-se eu pretender nivelar tão infinitamente alto o alto valor de Eduardo Prado.

Elle pertence á mesma religião, é o que não ha negar, e senão logrou a honra de semideus, pontificou, todavia, nas mesmas aras immaculadas, na mesma communhão, adorando, acima de tudo, a sua Arte em Corpo e Alma, para elle existente na esthetica de todas as cousas.

A sua Alma, — é o nosso consolo, — ali fica photographada para sempre na objectiva inapagavel dos seus escriptos. Está revivendo para nós todos, a cada hora que o lemos e que nos deixamos arrastar pela sua prosa fluente e original, pela sua impressionabilidade rutila do exegeta e de observador, em cada pagina e em cada phrase da *Ilusão Americana*, dos *Fastos da Dictadura*, onde qualquer um dos seus muitos trabalhos espalhados por ali além, nas columnas, que melhor do que elle ninguém occuparia, dos jornaes em que collaborou.

Elle sabia ter uma nuance nova para cada phrase, por mais rotineira que ella fosse.

Elle soube fazer, como o fez Ramalho Ortigão, outra forma também inimitavel, — a narração das suas viagens, com uma subtilidade de visão tão encantadora, que capta logo a aniedade do leitor e fal-o ir também viajar, vendo as paisagens na sua apparencia embevecedora.

A sua *causerie*, a sua *verve*... — que o digam os que ainda restam desse tempo que para Lisboa não volta mais, em que os *Vencidos da Vida* davam a elegancia e a luz á cidade lusitana, de canto a canto, c'o a sua bohemia esphacelante e a sua ironia atada, de Eteios.

E por isso elle sempre teve amigos e os teve só entre os que sabem aferrar a dedicação na medida do valor do Amigo.

Esses, os que ainda restam, synthetizarão muito bem o que elle foi, paraphraseando o que disse Maria Amalia Vaz de Carvalho, a respeito de Eça de Queiroz:

Eduardo Prado foi uma Alma de Santo, que, por tudo saber, talvez attingia a calma innocencia que tudo perdía.

Eis, meu caro Eduardo Machado, o quanto, furtando um lazer á minha mesa de jornalista, posso momentaneamente offerecer para a homenagem que *O Commercio de São Paulo* vai prestar á memoria de Eduardo Prado.

Rio, 24 de setembro de 1901.

AGOSTO CARVALHO

## Eduardo Prado

Em Eduardo Prado admirava eu, antes de tudo, o patriota, depois o artista da palavra e, finalmente, o erudito. Era esta, porém, de todas as faces do seu talento a que mais me seduzia e captivava. Não tanto pelo muito que elle lera e viajara; mas, apenas, pelo modo característico de dar a conhecer a sua erudição invejavel.

Bem sabia elle que ha, por ali, duas marcas de erudição: uma, a dos pedantes e enfatuados; outra, a dos estudiosos e modestos. A primeira, tal qual a moeda falsa, tem um brilho enganador aos olhos do ignorante; a segunda, felizmente, para distincção, em caso de duvida, tem um som vibrante e puro aos ouvidos do experiente... Como ambas, porém, com muita facilidade se podem confundir aos olhos dos menos avisados, teve elle, sempre, a discreta precaução de não ostentar a esmo os thesouros do seu opulento espirito.

Ninguem, na palestra, era mais simples, nem mais despido de vaidades. Conversava singelamente, sem preocupação de phrases, com tal ou qual esquecimento do si proprio. E era assim, num como estado de inconsciencia, que a sua memoria, verdadeiramente prodigiosa, se desentranhava em citações oportunas, em aneddotas typicas, em reparos judiciosissimos. A naturalidade com que elle dizia tudo e a espontaneidade com que elle accidia certos factos, davam-lhe á palestra um encanto indefinivel.

A sua vasta, copiosa e variadissima erudição, perfeitamente assimida em calmas e repositadas leituras, era já, por assim dizer, uma projecção natural do seu espirito. Longe, muito longe estava dessa outra erudição pesada, indigesta, superficial, devorada, á pressa, nos dictionarios encyclopedicos, nas revistas francezas e nos catalogos, por certos *conceitos* já decrepitos, que o affa impotente do seu charlatanismo litterario, forçavam por assombrar os palpavos com a sua sapientia critica, adormecendo o resto da humanidade com umas tantas divagações muito doulas, infadavelmente longas e estopantes...

A erudição de Eduardo Prado, porém, era espontanea e sobria. Ainda está bem fresca na memoria de todos a impressão profunda e intensa deixada pelo artigo inicial da ultima polemica em que o seu talento victorioso, como uma espada de fino aço manuseada ao sol em direcções diveras, irradiava vivas e

deslumbrantes fulgurações. Nesse monumento de critica e dialectica não se sabia o que mais admirar: se o seu methodo de argumentação, seguro e firme, como o de Prévost-Paradol e Armand Carrel; se o seu estilo, facetado e rutilo, á maneira de Taine e Paul de Saint-Victor; se a sua erudição, variada e solida, á Lemaitre e Brunetiere; se o sainete, graciosamente anecdótico, da sua critica, ao mesmo tempo picante e affavel, ao gosto de Sainte-Beuve e Gaston Deschamps; se, enfim, a sua convicção sincera, profunda, ardente, como a de Veuillot e Joseph de Maistre. Tudo, porém, nesse inesquecivel trabalho era moderado e natural, habilmente diluido numa prosa fluida, limpidia e cantante, que se deixava ler até ao fim, com a mesma delicia com que se bebe uma agua saborosa e clara.

Por ser assim, ligeira, variada e cambiante, foi que algum, com intuitos de menoscabo, advertiu que a erudição de Eduardo Prado era uma erudição *à borboleta*... Feita a restricção impressindivel de que o espirito do musculo polemista só pousava no bello, no justo e no nobre, não se poderia desejar, a serio, uma imagem mais feliz. Sim: a erudição de Eduardo Prado era uma erudição *à borboleta*! E, para mim, a feição mais original do seu omnimodo talento era, exactamente, a de ser leve, alada, papilionacea a sua erudição... Aquelle talento peregrino apresentava, de véras, a volubildade, a graça irriante do gentil e trefego lepidoptero. Não se abarrotava nunca, por pretensão, de conhecimentos intuíes e indigestos, como uns tantos crustaceos da nossa imprensa, — sempre grotescos, pesadões, quadrupedantes...

E' que Eduardo Prado — espirito superior, mas sinceramente modesto — soube ser erudito como sabia ser rico: rico e erudito de bom gosto.

ALVARO GUEIRA

ADMIRAVEL trabalhador dos *Fastos da Dictadura* e da *Ilusão Americana* lembra aquellas populares heróicas de Dumas, que em terribes combates acompanhavam de dulos alegres os golpes que davam e recebiam... A sua obra é toda cheia de força, de coragem e de bom humor. A sua fidelidade, inalteravel e combatente, á monarchia banida, não era uma paixão que se desganhasse em furores, ou que desabafasse em palavras azedas: no mais naceo das suas batallas, Eduardo Prado mantinha uma serenidade jovial, que lhe permitia fazer de graciosas ironias os seus golpes mais fundos.

Mas a graça espontanea e fina, que tornava tão attrahente tudo quanto elle escrevia, não bastaria para garantir ao nome de Eduardo Prado, popularissimo em vida, a consagração que lhe está reservada em nossa litteratura. A sua obra ficará como modelo, pela nitidez, pela sobriedade, pela correcção da phrase.

Eduardo Prado foi um mestre nessa tão difficil arte de escrever cousas eloquentes em estilo simples. Chamar-lhe o Paul Louis Courier da nossa lingua não é um exagero.

Santos, setembro, 1901

VICENTE DE CARVALHO

## DR. EDUARDO PRADO

Sem que privasse de perto com o dr. Eduardo Prado, era com satisfação que nos nossos trabalhos no Instituto Historico e Geographico, onde nos encontramos em dias de sessões, eu o ouvia, com admiração e enthusiasmo, dissertando sempre em assumptos de patrio interesse.

Nessa confabulação de amigos, o dr. Eduardo Prado sempre ensinava do que aprendera em suas viagens, onde seu espirito observador dava ao á sua actividade, empenhada na reivindicação de quanto a nossa historia possuiu esparsos pelas bibliothecas e museus da antiga metropole, ou dos paizes extranhos.

Ainda na ultima sessão em que tomou parte, fez elle entrega ao Instituto de dois manuscritos brochurados, cópias de documentos mandados por elle extrahir na Torre do Tombo.

E ainda abram-me aos ouvidos as suas palavras unidas de verdadeiro amor, com que prometteu continuar nas suas investigações em prol do Brasil, particularmente do Estado de São Paulo, cujas particularidades lhe eram muito familiares.

Lamento, como brasileiro, a falta do proclamo cidadão, a quem a Patria muito deve, pela defesa de seus direitos, quer interna, quer externamente.

O preito de homenagem, que a amizade ora rende á sua memoria, não traduz simplesmente o peccar do seu Estado; estende-se mais longe ainda, porque o dr. Eduardo Prado era um paulista que sabia ser brasileiro na litteratura, na historia, na sciencia e nas artes nacionaes.

Alhando-me aos amigos que ora se externam e lacrimejam sobre sua campa ainda humida, faço-o certo de que, com a tarja do lucto, venho pedir a Deus pela paz de sua alma.

Que descanse sob as grinaldas de flores da nossa natureza quem tanto soube amar e ensinar e que é o amor da Patria.

DIOGENES CAIO DA FERRERIA

## PATRIOTISMO INTELLECTUAL

Eduardo Prado foi um desses bellos typos humanos que constituem, pela sua organização mental e artistica, uma representação da sociedade em que nasceram; pela singular elevação de seu espirito, pelo conhecimento superior das cousas patrias, pela synthetisação de nossas qualidades affectivas, pela nobreza de seu proceder, symbolizou muita vez o seu berço natal, como a mais inspirada Legação.

Foi, portanto, o mais perfeito Enviado desta Terra ao mundo culto, onde conquistara o seu posto, por merito proprio, no difficil acesso das relações dos grandes vultos europeos.

Conheci-o em Paris na sua *embairada*, da rua Rivoli, numa sala opulenta de livros e objectos do arte, onde accumulava milhares de obras, lera centenas de chronicas, estudava minucias da Historia e aprendera o hollandez para commentar os seus escriptos sobre a nossa guerra colonial e donde, communicativo, incutia a todos o seu amor aos *Fastos* desta nacionalidade, da qual seria um grande Historiador, se fatts mais complacentes lhe concedessem alguns annos de vida...

Dotado desse patriotismo — á Rio Branco — que faz permanente, em toda a parte, a memoria da Patria (*ubi quæ Patria memur*) foi Ella o seu Nome e descobria-se logo ao iniciar a convivencia com elle que, acima de crenças de partidarios, a preocupação absorvedora de seu espirito era um Brasil idealizado, cujos destinos, allis, tantas apprehensões vinham trazer ultimamente a seu olhar observador, através das expansões anglo-saxonias...

Desde sua auspiciosa mocidade, deixando a plaga paulista, donde sahira formado em estudos e em caracter, perfluando a America Latina, visitando o Chile e vogando pelas costas do Pacifico, ou percorrendo os Estados-Unidos, no Oriente como no Cabo, no Egypto como em Londres, esse patriota prescurador, debaixo da apparencia de um mero *touriste*, buscava a comprehensão do Brasil na vida universal, bem como o perfeito conhecimento das condições parallelas da nossa existencia e precisava a posição que entendia devermos occupar na phase actual de nosso continente.

A curiosidade, nota vivaz de seu espirito e que Eça de Queiroz tanto celebrizou, foi guia feliz e instigadora da nobre vocação de servir a Patria no extrangeiro, que, certamente, norteará os mais gratos augurios ao joven addido da legação de Londres.

O seu posto natural, disse-o alguem, seria entre as cortes do Velho Mundo, enaltecendo o Brasil, como Souza Correia e Nabuco, Itajubá e Rio Branco, seus amigos.

Incompatibilizado, porém, com a actualidade politica, cujos fastos indicava esygnatizara, o brasileiro illustre que, correndo o mundo, soubera logo avaliar a Patria e que nunca cederá á passividade e menos ao desalento, incumbiu-se altamente de uma missão espontanea e honrosissima: foi, no meio internacional, a sentinella vigilante, cujo brado de alarma, a *Ilusão Americana*, vibra ainda como um clarim aos dias do porvir.

Os presentimentos de Eduardo Prado ante o que elle chamava a *noite-americana* do Brasil obedeciam, a esse mesmo horror por tudo quanto via attingir, proxima ou remotamente, a nossa integridade de moral ou material. Dizia-me, uma vez, da febre amarella: «é nefasta á nossa Patria... como as nossas importações dos Estados Unidos».

Essa mesma vocação, por cujo serviço se iniciara nas diversas regiões do saber, e que — além de sua individualidade — o animara através de quatro partes do globo, veio depois a trazel-o, em bellas peregrinações, ao seu Brasil de outr'ora, pelos dias do Imperio e pelas alvoradas colonias.

Dentre as variadas formas de consagração e civismo, desde o tempo em que os decios eram votados aos deuses infernaes, uma das mais nobres dedicacões é sempre esse perpetuo sacrificio, essa obsecração louvavel de um espirito que no mundo das letras viaa perennemente a Patria, e fitando esse ideal pelo universo — como um sacerdotio sagrado, dispande peculios de fortuna e annos de mocidade, accumulando o thesouro de uma competencia lentamente adquirida, para vir um dia, armado cavalleiro, terçar as armas do talento por essa grande amada.

Em pleno Paris, mirando das janellas de sua esplendida habitação os jardins das Tulherias e a perspectiva da Concordia e do Louvre, no mais agitado centro de encoções, para um intellectual festejado e requisitado por todos, no esplendor da riqueza e da vida, era uma alta lição o contemplar esse *emigrado*, que batara os sertões, estudando com afincio as peripetias dos novos dramas historicos, ou seguindo, com amor, as pegadas de Anchieta, pela praia onde o refem da civilização paulista aguardava a hora bondada da alliança e da paz.

E nesses nobres de palestras, no inverno de 1900, quem já mais poderia oficial-o, confessando que, através de todas as suas occorências, não interjeira uma vez... a

sorte fells de um velho bibliothecario que, no fundo de preciosas colleccão de livros, n'um convento da Austria, alheio ás estações que imperavam lá fóra e extranho aos mgvimeitos sociaes do seculo, centenário, elle proprio, vivia, entre classicos e sabios de todas as eras, nas mais augustas relações, zombando do tempo.

Começara insensivelmente a evoluir para as investigações das glorias passadas e accentuavam-se os encantos do crente na fé que alentára toda a vida primitiva de Santa-Cruz... ao lado do paladino da monarchia, surgira agora o cruzado!

Como um mineiro paciente, fóra ás jazidas inexploradas de muitas chronicas, aos archivos de Lisboa e Sinaacas e muita verdade arreacndira, planejando alcegar com ella a reconstrução da historia nacional. Do seu retiro do Brejão ia o artista esculpir nesses blocos a perpetuidade dos dias idos, quando a Morte — aliada do Erro e cúmplice ainda de tanta mentira — veio estupida, inesperada e inexplicavel arrebatou o historiador...

Barlando das condições com que elle fora principescamente afortunado, não conseguiu, emtanto, essa Adversidade aniquilal-o, pois o intellectual que *viveu* sobrepuja ainda ás decepções e affrontas os desganhos.

Dessa admiravel seducção que alma tão fascinadora exercera pelo brilho de seu espirito, pela feeria de seu estilo e pela affabilidade de seu trato, alguma coisa ha de restar aos posteros, além desse livro, em muitos pontos irresponsivel, «a *Ilusão Americana*», e desses «fastos da Dictadura», que são golpes de lidador, e além dessas paginas de mocidade e de graça de suas primorosas «Viagens»; é a memoria de uma mente privilegiada que se votara ao Brasil e é o exemplo — que fala mais que a commemoração.

Não sei que perdia o matou...

Chamem-na febre amarella, o certo é que a foice que ceifou tão insignie cabeça teve um movimento hostil á nossa Patria, a que enaltecia esse admiravel e raro conjunto de talentos e dotes excepcionaes!

Dada uma dessas emergencias em que os credos se confundem ante um perigo maior, seria elle, no interesse de nossa integridade, uma Força, na Europa, ao dispor da causa commum e, então talvez, de subito, o inesperado diplomata viajasse em gloriosos triumphos o ostracismo voluntario em tantos annos.

Ante essa figura adoravel que desapareceu, levando tanta vitalidade moral, é sincera a nossa humilhação de patriotas sobreviventes, recordando que foi, ao regressar de nossa capital, onde fóra a penetrar no portico do mais respeitavel de nossos Institutos, que foi de volta dos esplendores da Guanabara que elle tombou, victima desse veneno importado que se adaptou entre nós...

Lembrando o horror que esta ignominia causava aquella organização superiormente fadada e calculando uma intima revolta, peço-lhe, oh Patria: extingue essa mancha letal que enodda o mais bello recanto do globo — o teu solo sumptuoso... porque emfim possa o Merito, ao receber de tuas mãos o lauro, chegar ao teu throno, sem colher de teus labios excelsos a recompensa cruel de um osculo... mortal!

CESAR BUENO BIERREBRACK

## Eduardo Prado

Tive a immensa satisfação de vel-o pela primeira vez em S. Paulo, em 1897, e não me falha a memoria, quando fui a essa bella capital, fazendo parte da commissão da imprensa que acoupanhou o corpo embalsamado do immortal maestro Carlos Gomes.

Era eu, então, redactor do valente organ monarchista *Liberdade*, que a policia republicana, mezes depois, mandou incendiar.

Eduardo Prado, procurou-me no Grande Hotel, onde eu estava hospedado.

Encarando-o, conheci que tinha deante de mim um espirito privilegiado.

Rapida foi a nossa palestra nessa occasião. Convidou-me para um jantar na *Reitoria Sportman*, a que não faltei. Durante essa refeição, que delicia ouviu-o falar de assumptos varios, revelando uma erudição asombrosa e ao mesmo tempo patenteando o seu immenso amor por esta patria infeliz!...

Nunca mais o vi. Na noite em que elle partiu daqui para S. Paulo, levando comigo o *maribus* que o victimou, estive no «Hotel Nacional» com o meu illustre amigo dr. Couto de Magalhães, que me pediu fosse á Central apresentar as suas despedidas ao Eduardo. Não pude cumprir, devido aos meus affazeres jornalisticos!...

Ah! ignorava que o grande espirito teria de desaparecer tres dias depois!... Quante arrependimento eu não ter ido abraçar pela ultima vez o heróico batalhador das idéas monarchicas!...

Rio, 25 de setembro de 1901

ED. MACEDO

## Um rasgo de generosidade

Ha um mez que falleceu Eduardo Prado, e ainda se me affigura que elle não deixou este mundo.

Era um bom costume seu vir, de tempos a tempos, dar-me alguns momentos de sua deliciosa, amena e instructiva conversação.

Contava-me episodios das suas viagens, referia-me dictos chistosos, rasgos de espirito, exquisitissimas originaes de homens notaveis; pintava, com a palavra, paisagens encantadoras; noticiava-me a descoberta de velhos documentos da nossa historia e ouvia-me, também, com evangelica paciencia.

A ultima vez que me visitou, quinze dias antes de sua prematura morte, perguntou-me porque não publicava um trabalho meu sobre philosophia das sciencias, de que lhe havia falado, com imerecidos gabos, o nosso bom e saudoso amigo, o grande mathematico e astronomico frei Germano de Anney.

Contei-lhe que o primitivo plano havia sido largamente ampliado e que por isso me haviam pedido exorbitante quantia para sua publicação.

Além disso, eu estava convencido de que a obra não inspiraria interesse, não teria procura alguma, por ser produção de um padre.

Pedi-lhe que lhe expuzesse o plano de meu extenso trabalho. Por espaço de duas horas ouvi-me com infatigavel attenção. De tempos em tempos, interrompia-me para, caridoso e calorosamente, applaudir-me e acabou por abraçar-me, nervoso, exclamando: «escreva, escreva; eu serei o editor de seu livro».

Excellent amigo!... Meu livro não será publicado, mas a gratidão, a minha gratidão, será levada até a eternidade, onde está embevecido na gloria de Deus.

Conego MANOEL VICENTE

## EDUARDO PRADO

Hoje, no meu folhetim das segundas feiras no *Correio Paulistano*, rendo preito de saudade a Eduardo Prado e transcrevo, com toda a veneração que merece a sua memoria inesquecivel, uma pagina formosa de uma das suas cartas que tive a fortuna de receber. Aqui, quereria apenas lembrar uma idéa á familia do illustre morto, lembrar ou secundar essa idéa, a qual nascerá espontaneamente em todos aquellos que conheceram a litteratura do Eduardo Prado — e é a do se fundar, com os volumes que elle deixou, uma bibliotheca franqueada ao publico estudioso e com a denominação — BIBLIOTHECA EDUARDO PRADO, a qual deveria ser installada na rua Visconde do Rio Branco, na casa em que falleceu, ou na rua da Consolação, na casa onde primeiro viu a luz do dia.

Seria uma bella homenagem que se prestaria ao maior talento contemporaneo da nossa terra paulista.

Nas vastas salas da bibliotheca, atchadas de livros, viria errar o espirito daquella grande alma. Restaria ali, por entre os graves infolios de antanho, desceria pelas paginas grandes dos livros vellos, seria beijado pelos versos amigos da *Ilusão*, ir-se-ia ajoelhando palavra a palavra no velho Bousset, bebendo a idéa nova em Rousseau e aspirando o amor da tradição em Chateaubriand, e quando a noite chegasse, e o ultimo estudioso se fosse, e as luzes se apagassem, e nas estantes adormecessem os vellos livros encanados, e as paginas dos livros de versos estremeciam na queda sonora das rimas que se buscam e se namoram, iria o espirito amigo descansar na philosophia peripatetica de Aristoto e na satyralarga de Horacio...

E quantas vezes o seu espirito cheio de bondade viria guiar os que alli fossem aprender nos livros que elle amara e de que cuidara com tão terna solicitude, e em cujas paginas ficou partido, desolado, quebrado como as columnas de marmore do columbarium, o estudo que la por ellas fazendo, naquella romaria intellectual que achava ser o maior gozo da vida.

O sopro de sua intelligencia suspiraria certamente por aquellas salas, e das paredes, dos livros, de todas as cousas ambientes se desprenderia o seu profundo e meigo olhar, onde a paz da morte fixara, em um claro de bondade, aquella curiosidade e aquella ironia que alli viviam. E aquella casa iriamos pensar nelle, lamentar que tão cedo se partisse, chorar por elle...

Todos nós lemos e admiramos Victor Hugo, mas como é amargo conhecer quæes as fronteiras em que a morte ama pôlar sua inqo pesada!... Como é duro e iníquo sentir o mysterio guante a apartar-nos o coração até sangral-o!... Como é doloroso ver-se um corpo morto e livido, sentir que se lhe não pôde mais dar movimento, que se não pôde trocar a sua vida pela nossa vida!...

JOSE VICENTE SOBRINHO

## O SEU LIVRO

Naquelle tão limpo capítulo sobre Eça de Queiroz, escripto no numero 10 da Revista Moderna, disse Eduardo:

«Para bem pintar é preciso bem ver, cousa diversa da vaga faculdade de enxergar, common nos homens e outros animais da terra. Para bem ver é indispensavel o exercicio da attenção que resulta do dom inapreciavel do interesse pelo mundo e pelos homens, dom que não vai sem a sympathia irradiante e activa, revelação ideal e synthetica de uma bondade generalizada».

Nestas palavras encerra-se o traço dominante do caracter de Eduardo Prado — o interesse pelo mundo e pelos homens, a sympathia irradiante e activa.

Foi dito que o estilo é o homem. Quem não conheceu Eduardo Prado senão por seus escriptos ha de collocar-o, de certo, pela espontaneidade e a graça dos conceitos, pela fluencia e interesse da descripção, pela simples elegancia dos periodos, pelo inesperado da comparação e o chiste da anecdota, entre os vícios artisticos da palavra. Mas, quem só desse modo o conheceu, desconhece o seu melhor livro, o livro que elle não escreveu, mas viveu.

Este livro vivido tem paginas esparsas pelo mundo que Eduardo percorreu, obedecendo á mania vagabonda que Lombroso notou nos homens superiores. Arrastava-o a mesma sympathia irradiante e activa, o amor por «seus companheiros de planeta, na grande viagem dos séculos».

Muitas daquellas paginas são gestos, são olhares, são palavras apenas, desfolhadas despreocupadamente pelo caminho, como petalas de flores que a gente pensa que se perdem ou se aniquilam, mas transformam-se apenas e voltam de novo como seiva ao seio da terra creadora.

Naquelles simples gestos e palavras, transfundia-se muitas vezes a sua «bondade generalizada», a sua larga sympathia humana. E quantas gratidões anonymas e obscuras não despertou elle?

Conta Eça de Queiroz, em sua obra posthuma — As cidades e as ruas, que a origem da intransigente e fervorosa dedicação dos Jacinthos ao miguellismo portuguez foi um simples acto do Sr. Infante — aquelle moço moreno, de olhos pestanudos e pretos, escanhado, de grosso casaco de baetão verde e botas altas de picador — levantando com força facil a D. Galvão do lagoado onde rolava.

Desse actos singellos e espontaneos de solidariedade humana, de caridade meiga e ternura pelo soffrimento alheio, Eduardo conta muitos, innumeráveis, de que jámalis falou e que a propria familia ignorava. Praticava-os naturalmente, despreocupadamente, com toda perfeição e sincera modestia, que, de facto, no intimo, não attribuia a si o menor merecimento por isso. Era uma expansão naturalissima do seu espirito e do seu coração, onde as flores do carinho, ou da ternura, uma vez desabrochadas, despariziam-se em petalas e fragranças, no sabor do vento, pelas estradas...

Ah! mas em quantos corações não se enraizou a gratidão a seu nome e á sua memoria?

Se acaso alguma catastrophe submergisse suas obras escriptas, restaria ainda na memoria dos humildes aquella suave tradição de bondade que os pobres poderiam ler nas nuvens do céu, como os pastores provençães lêem á porta das cabanas alpestres, a lenda dourada e peregrina das estrelas.

Numa de suas divagações pelo mundo, Eduardo aportou, um dia, á ilha de Malta, em cujo esplendido palacio seu amor pelo passado foi reusar a epopéa guerreira da Ordem.

Era o palacio dos Grãos Meestres, onde resplandeciam ainda, em panoplias e colgaduras, as ricas armas que, durante quatro séculos, defenderam a christandade contra as formidaveis investidas do Islam.

No grande salão, os espectros dos cavalleiros perfilam-se nas pesadas armaduras, deante do solio do Grão-Mestre, lanças em riste, guantes a rangerem, cascos, elmos e morriões de batalha a velarem as frentes paladinas...

Não sei porque vem-me ao espirito esta imagem, quando vejo agora, na homenagem a Eduardo Prado, formados em ala, todos os grandes dignatarios de nossas glorias — estadistas, pensadores e poetas. Parece a coreografia medieval em que os próceres da patria, commovidos, assistiam ao acto de ser armado cavalleiro, depois da vigilia d'armas, um companheiro valeroso.

E agora, com effeito, são os Grandes da Patria, grandes pelo talento e pelo patriotismo, que, acceitadamente, conferem a Eduardo Prado a investidura de cavalleiro da Ordem de nossas glorias!

ALFONSO ARINHO

Do sentimento de dor, que tão justa e tão naturalmente experimentamos, ao vermos desaparecer de entre nós um homem útil, accresce uma sensação de especial amargura, quando a sua morte vem codo e inesperada.

Perante o tumulo de um desses

Meu como K. Couto

Parto hoje para o Rio de Janeiro de noticia

Ahi vai o artigo de

Paulista

Voltares brevemente

de N.º quinze

leu a

Eduardo

«Fac-simile» da carta de Eduardo Prado, quando partiu ultimamente para o Rio

velhos illustres, que, depois de uma vida longa e laboriosa, adormecem, como adormece o operario cansado ao terminar a tarefa do dia, curvamos-nos com um respeito tranquillo, resignado e quasi satisfeito.

Se o homem nos deixa a sua obra litteraria, scientifica ou politica, fica: fica completa e acabada; fica como a mais eloquente das biographias, como o mais inequívoco dos panegyricos.

Não assim quando o operario cahi antes de terminada a tarefa. Então, se pensamos no que ficou feito, pensamos também, e mais talvez, no que restava a fazer; temos a sensação irritante do incompleto, do inacabado; e a morte affigura-se-nos, não só dolorosa, mas injusta e cruel!

Um deus impulsos de revolta que nos assalta, ao pensarmos na morte de Eduardo Prado, cahido em plena actividade e em plena mocidade de espirito!

Se se dissesse que a morte subitanea de cidadão tão illustre e tão de verna prestimoso, além de lançar-nos a todos na maior das consternações, suscitou no nosso espirito, pela violencia da dor que produziu, germen de impia, embora impotente, revolta contra os desígnios insondaveis da Providencia, porventura se não teria dito cousa que não fosse.

Com effeito, se ha ainda ali alguém que, em meio deste turbilhão vertiginoso da existencia, demore um instante a sua attenção sobre o luctuoso facto e as suas consequências, que me diga se toda a philosophia humana, se toda a humana confiança no plano providencial, alimentada no estudo da historia e, graças ao seu doutrinamento, elevando-se acima das preocupações vulgares da humanidade; se todos os nossos desenganos, enfim, acerca da instabilidade das cousas deste mundo, deveriam bastar para conter os impetus da paixão tão cruelmente surpreendida, que, na hora em que se espalhou a noticia deste passamento, não mandasse aos céus uma imprecação blasphemica!

Ainda estamos tomados de espanto, duvidando se é simplesmente um sonho, ou se com effeito uma realidade essa morte imprevista, subita, instantanea, inesperada, que nos roubou para sempre. E quanto mais o tempo passar sobre a sua sepultura, mais se sentirá a sua falta, mais se conhecerá o que elle valia, mais se ha de comprehender o que todos perdemos.

Apenas distanciado um mez da data do seu desaparecimento do numero dos vivos, e que vacuo no nosso viver, que hesitações na vida interna das associações, que luto enorme nas nossas almas!

Mas a morte que poude fulminar o com um sopro, deixando-nos attonitos, aterrados e aturridos, não logrou fazer-nos esquecer o amigo leal, o companheiro erudito, o conselheiro prudente, que nós amavamos com todas as veras das nossas almas e que viverá eternamente na nossa memoria e nos nossos corações!

A vida de Eduardo Prado passou como o sonho numa sombra; mas ficaram vivos e impressos os seus altos exemplos de virtude civica, de dedicação e amor pelo trabalho prestante e util, de lida incessante em prol da sciencia, da verdade historica, da instrucção e do desenvolvimento intellectual do proprio país, emanados do convívio harmonioso em que na sua alma viviam as mais levantadas aspirações com o mais nobre de quantos amores nella lhe moraram: — o amor da sua Patria.

Só a materia desapareceu de nossos olhos, encerrada num esquife; mas o espirito ficou, pairando entre nós, sobre nós, inspirando

nos, aflagando-nos, correspondendo ao nosso affecto, consolando a nossa saudade.

Nem tudo acaba, quando um cadaver repousa numa cova; e é deante da memoria deste homem querido e idolatrado por um povo, admirado pelos sábios do mundo inteiro, que o conheciam e estimavam, como se fosse concidadão de todos elles, que o respeitavam como um mestre e queriam-lhe como a um irmão, enfim, deste homem bom e prestimoso, que mais se fortifica a crença de alguma região mais luminosa, mais risonha, mais brilhante, mais vasta, espera o espirito que se solta do involucre pesado dessa carne que vai sumir-se no chaos negro e humido, onde só vive nas trevas o verme que a devora!

Se tudo acabasse com a morte, se as homenagens se perdessem no espaço e os panegyricos nas paredes dos tumulos, para que estas glorificações dos mortos? Para que a apothose dos homens virtuosos e dos cidadãos benemeritos? Para que prolongar, se não fosse ouvido, esse idêus que os fomes consternados e a patria reconhecida lhes dirigem, renovando, sem a consolação de uma esperança, uma dor que afflige, revivendo a lembrança de serviços que não podem repetir-se?

E esta, ao menos, a triste compensação pela Providencia concedida aos que ainda têm coração para se lembrar dos mortos, saudades para escolher sobre as suas sepulturas, e lagrymas — nem todos somos estoicos — para chorar com a irremediavel perda a nossa propria desventura!

E' este, ao menos, o nosso miserrimo recurso: recordar os que em vida foram caros e na morte jámalis esquecidos, avivando a amargura das nossas almas com a lembrança sempre grata dos testemunhos do seu inolvidavel affecto, e com a memoria das virtudes que lhes exornaram o caracter, e sugerir deveres, cujo gratissimo exercicio não consola menos do que as lagrymas, sentida, sim, mas insufficiente manifestação do nosso affecto.

Exaltar a memoria dos que, como Eduardo Prado, morrendo, deixaram na terra seguros os seus incontestaveis direitos a serem lembrados na posteridade, é arrancar á propria morte a mais cruel das prerogativas que lhe assealam a soberania: é prohibir ao esquecimento que passe no logar por onde transitou o genio!

Setembro, 1901.

F. P. SANTOS RODRIGUES

## EDUARDO PRADO

Poucos dias antes de seguir para o Rio de Janeiro, Eduardo Prado teve conmigo uma conferencia longa sobre o seu plano, os seus estudos, as suas investigações relativas á vida do padre Manoel de Moraes, jesuita, apostata, convertido, processado pela Inquisição, homem cujo espirito, tão elevado quanto irrequieto, o tornara envolvido em factos que muito esclarecem a nossa historia patria.

E, por associação de idéas, tendo vindo á tela da discussão o foro de Martin Affonso e a Carta do rocio de S. Paulo, resolvemos investigar o local da antiga Casa do Concelho e cadeia: eu affirmava, como ainda affirmo, que a antiga Casa do Concelho era no mesmo local onde permanecia até cerca de seis annos, quando o Estado resolveu applicar o edificio ao Paço do Senado e da Camara dos deputados. Vi confirmado este meu parecer por uma observação de Eduardo: tinha elle verificado que a Casa do Concelho e cadeia foram construidas em terreno do Convento de S. Francisco e que toda a área, hoje occupada pelos quartéis entre o largo Sete de Setembro e largo de S. Francisco, era terreno do mencionado Convento.

Acrescentei, então, que, segundo o sistema colonial, os concelhos, a cujo seio pertenciam os juizes ordinarios, tinham por função as *baixas justicias*; por isso, eram encarregados da construcção das cadeias e pelourinhos e, aliás, quando um lugar era declarado villa, casas novas eram as primeiras mandadas executar pelos vereadores, sendo que, em geral, as sessões das vereações, em Camara, se faziam em sala especial, no mesmo edificio da cadeia.

Lembra-se Eduardo Prado de que, na minha *Monographia sobre o município da capital*, assignalei a data da sessão da Camara em que os vereadores resolveram fazer casa do concelho coberta de telhas. Fomos verificar o ponto: realmente, em 2 de agosto de 1581, reuniram os officiaes da Camara e povo em casa do vereador Jorge Mucira e «deliberaram fazer casa do Concelho coberta de telhas, por ter cahido a que havia coberto de palha e resolvido-se que cada um contribuisse, para esse fim, conforme as suas possibilidades». Parece-me, ponderou elle, que, quando o Concelho funcionava em casa coberta de palha, as cousas andavam melhor; e, então, notou que

— Em 26 de maio de 1561, o Concelho reclamou a immigração; — Em 24 de maio de 1562, o Concelho elegeu a João Ramalho capitão da gente da guerra contra os indios do Parahyba;

— Em 12 de maio de 1565, houve a intimação de Estácio de Sá para a direcção da guerra dos Tamoyos e o protesto por perdas e damnos;

— Em 10 de agosto de 1583, os vereadores e o povo reunem-se, protestam contra uma exigencia do capitão-mór Jeronymo Leitão, recusam fornecer gado á armada de Diogo Flores Valdez e accusam o governo de pouca honestidade nas transacções.

«Depois da casa de telhas, disse-me Eduardo, não se viu mais disso; dali em diante, principiou o periodo da *educação politica*, continuou elle, naquella tom de alegria que caracterisava. E por isso que faço «empenho, acrescentou elle, em reconstituir o São Paulo antigo, e já tenho elementos para isso.»

Mais ou menos, tanto quanto me ajuda a memoria, foi esse o nosso colloquio.

Jámalis podia passar-me pela idéa que, poucos dias depois, iria para o seio de Deus quem se achava tão cheio de vida. Eduardo queria reconstituir o passado e, entretanto, caminhava para o futuro; queria reconstituir a vida que passou e, entretanto, marchava para a vida eterna, para a vida que nunca passa.

JOÃO MENDES JUNIOR

Telegrama do Barão do Rio Branco (Berlim) á exma. sra. D. Veridiana Prado — Obrigado; sabe sinto morte Eduardo como se fosse filho meu.

## EDUARDO PRADO

O que eu sobretudo admirava em Eduardo Prado era a constante unidade do seu caracter intellectual.

Conheci-o em 1882, na cidade de Buenos-Aires, quando alli se realisava a Exposição Continental. Reuniam-se á tarde no hotel Affonso Celso Junior, Luiz Felipe de Saldanha da Gama, Eduardo Prado, grupo a que de bom grado me associava, porque, apesar de mais velho, era tão alegre e folgazão como qualquer d'elles.

Eduardo Prado era infantil e ruidoso nas suas alegrias; mas, por entre as suas phrases subtilmente agudas, percebia-se-lhe o bom senso pratico de idade madura e sobretudo uma orientação litteraria muito superior á dos moços escriptores seus contemporaneos.

E nós lhe chamavamos: moço velho, avô de si mesmo.

Dezoito annos depois, renovei relações com elle em S. Paulo.

Era o mesmo Eduardo Prado, apenas com a differença de que agora, sobre o fundo da sua seriedade, por sobre os aliceres de uma solida e profunda illustração, é que se intellamavam acidentalmente os lampejos do seu espirito humoristico.

E esta permanencia de caracter, — mesmo nas suas apparentes modificações, que significavam ser apenas Eduardo Prado, não só um homem do seu tempo, como um homem da sua idade — deriva forçosamente da inteireza das suas convicções, do profundo arraigamento das suas crenças e das noções sãdas inoculadas na sua primeira educação.

Foi um talento de natureza, amparado, desenvolvido e ampliado pela perseverança, pela instrucção e pelo amor dos seus.

ALFREDO CAMARATE

## O escriptor — O homem

A morte que se abateu sobre Eduardo Prado com a brutalidade das catastrophes inesperadas, trouxe-nos o triste dever de falar, num ligeiro esboço, da sua personalidade.

E que grande tristeza nos assombra o coração! Quanta saudade do mestre illustre e do amigo querido!

Mesmo ao traçar estas linhas, alguma cousa delle nos acompanhava: do seu retrato collocado ante nós, o seu olhar intelligente e suave seguia estas linhas escriptas ás pressas para *O Commercio*, o jornal de que elle nos franqueou, em 1897, as columnas.

Quanta saudade, quanta lembrança daquella creatura elita de que vamos falar, como escriptor e como homem, como intelligencia e como alma, como espirito e como coração!

## O escriptor

A primeira revelação de Eduardo Prado, como escriptor, foi em 1889, quando ainda estudante de Direito.

Dirigia um de seus irmãos, Antonio Prado, a *União Conservadora*, e outro, Caio, era o redactor do *Correio Paulistano*, organ dessa agremiação politica. Os liberais tinham conseguido fazer uma assembléa unanimemente sua, e os conservadores moviam-lhes, pela imprensa, uma guerra sem treguas. Foi então que Eduardo Prado começou a escrever as *Chronicas da Assembléa*, em que se vislumbravam já as qualidades do futuro auctor da *Ilusão Americana*: o humor, a sagacidade, a apprehensão rapida do ponto a ferir, o espirito de logica, que chegava a influir nos debates. Tinha vinte annos.

Formou-se em Direito depois. Viajando muito, escreveu para a *Gazeta de Noticias* umas correspondencias sobre impressões de viagem. Essas cartas foram reunidas, mais tarde, num volume, rarissimo hoje, intitulado *Viagens*, «repassado de saber e verdade luminosa», no dizer de Eça.

Passaram-se tempos. Aquelles que conheciam Eduardo Prado somente sabiam que era o auctor de umas cartas litterarias, em que

o Oriente se desenhava no colorido esplendente de seus céos e na fulguração silenciosa de seus mares.

O Oriente! Eis uma zona que, no systema geographico do pensamento, occupa o logar do continente do Sonho. Banha-a o os mares rutilantes da phantasia, e a visão dos que entendem a alma dos logares destaca, no fundo do seu horizonte, as miragens eternas dos poetas e dos escriptores. Eduardo, pelo primeiro livro que publicou, parecia ter recebido o baptismo poetico que essas paragens de luz como que deram a Chateaubriand, Lamartine e Gerard de Nerval: as *Viagens* começam pela Sicilia, ultimo estagio da Europa occidental e de cujas praias Syracuse busca nos céos purpúreos do Oriente o reflexo dos seus espelhos utopicos.

Mas passaram-se os tempos e os tempos vieram provar que Eduardo tinha que ser, não um artista da imaginação, mas um artista do raciocínio.

Passa-se, depois da publicação das *Viagens*, um longo periodo, em que Eduardo Prado parece retirado da vida das letras. Esse afastamento, porém, se consistia em não publicar, não consistia em não escrever. E' durante esse interregno que Eduardo Prado escreveu a segunda parte das suas *Viagens*, impressões de Damasco e Jerusalém, que está composta numa typographia de Paris e que só esperava uma ordem sua para ser publicada. Não sabemos, e cremos que nenhum de seus amigos sabe, porque Eduardo não fazia a tiragem da obra, ou não ordenava a distribuição dos typos, estando ella composta, como está, ha muito annos.

Cremos que foi por esse mesmo periodo, que decorre da publicação das *Viagens* á dos *Factos*, que concebeu escrever a historia do padre Antonio Vieira. O papel do grande jesuita não tem sido posto no devido relevo pelos seus biographos. O melhor d'elles, João Francisco Lisboa, cegava-o o odio systemático á Companhia de Jesus. Eduardo queria mostrar que Vieira, além de ser o maior dos nossos prosadores, foi um dos maiores politicos do seu tempo. Vieira sonhava com a restauração do commercio e da navegação, e para isso queria pôr em pratica dous meios: a criação de um banco, á semelhança dos de Amsterdam, a fundação de duas companhias commerciaes, uma destinada ao commercio do Brasil, a outra, ao da India, e a permissão do commercio aos estrangeiros, idea que Cayrú poz em pratica.

Na guerra entre Castella e Portugal, a victoria deste deve-se ao plano estrategico de Vieira. E não é tudo. O grande jesuita representou um papel importante nas relações de Portugal com a Hespanha, com a França e com a Hollanda. Mazarine refere-se a miude a elle em suas cartas.

Vê-se, pois, que amplos trechos da historia essa vida de Vieira deve abranger.

Numa conversação com Capistrano de Abreu, Eduardo disse-lhe que esta obra estava prompta e que só faltavam quinze dias de estada na Bahia para passar para ella um pouco da paizagem bahiana.

Pouco a pouco, porém, diz Capistrano, Eduardo foi se separando da convivencia do grande jesuita. Resta, pois, um problema. Eduardo escreveu, ou não, essa historia de Vieira? Se não escreveu, como é que só lhe faltava passar a ella um pouco de paizagem bahiana? Se escreveu, como é que se separou da convivencia do grande jesuita? — Não sabemos. O provavel é que tenha reunido materias para essa obra e não os tenha utilizado, ou, então, que a tenha levado até um certo ponto, sem a concluir.

Mas, mesmo assim, essa obra, se existir, terá um inestimavel valor para a nossa historia.

O periodo, porém, em que o nome de Eduardo Prado começou a crescer, chegando a encher o Brasil inteiro, foi o que se assignala com a publicação dos *Factos da Dictadura*. Eram cartas publicadas na *Revista de Queiroz*, assignadas — Frederico de S.

A impressão que essas cartas causaram foi immensa. O *Junius* que flagellava o governo de Jorge III na Inglaterra, despertando do seu lethargo o espirito publico e estimulando as energias abatidas, reuscitara em Eduardo. Attribuiu-se a varios politicos eminentes, entre outros a Lafayette, a auctorria dessas cartas. Breve, porém, o mysterio se desvendou, collocando Eduardo Prado na primeira plana dos escriptores brasileiros.

Assim, quando appareceu a *Ilusão Americana*, estando já consagrado o nome de seu auctor, o movimento de interesse feito ao redor dessa obra foi enorme. O governo confiou-lhe a primeira edição, fazendo-lhe assim o maior dos reclames: a segunda esgotou-se em poucos dias.

A *Ilusão Americana* é o modelo do libello politico. Em nenhuma outra de suas obras confirma tanto Eduardo esta asserção de Eça: «a sua logica bem armada e destra combate sempre sobre uma formidavel muralha de provas». E notamos que *quase toda a muralha de provas* — *o Livro do levantado da memoria*, e que Eduardo escreveu

Meu como K. Couto de Magalhães

Ahi vai este artigo. Publique-o em um dia e attenção — deve ser em 15 columnas e contê-lo inteiro

de um off

12 - VIII - 90.

«Fac-simile» da carta com que Eduardo Prado saíra seu ultimo artigo para O Commercio de São Paulo

um livro longe de sua bibliotheca e de suas notas.

Advinha em momento critico da vida nacional, ao momento em que uma doutrina exotica parecia querer implantar-se de esgalacho no solo patrio, esse libello do monismo tem um calor, uma vehemencia e uma vibracao sem eguaes.

Certamente Rca, o Queiroz, como lhe chamava com ternura Eduardo, tinha ante os olhos a *Ilusão*, ao comparar a obra de seu amigo a guerrilha.

Na *Ilusão* é que melhor se realçam estas palavras do autor dos *Ames*: «Logo desde a primeira pagina, as ideias alcem a seu ponto, as ironias despedem a sua flecha, os argumentos brulham a sua claridade, as ideias clamam, as ideias silvam, e na pressa e excitação da vida, tudo tomou um pouco tumultuariamente, um arrastado para avançar contra a espessa detestada, que urge demolir».

Os tempos estão demonstrando a clarividência da *Ilusão*. Cuba já é uma feitoria das *três* americanas e as Philipinas seguiram o mesmo caminho.

A ideia e a iniciativa das conferencias de Anchieta, que aqui se realizaram e de que o sr. Campos Salles, o mais ineuspeito em julgamentos, disse, ao terminar a conferencia do dr. Brasil Machado, que glorificavam esta terra, foram suas. Foi elle que recordou que os siões que, ao seu bimbalar sonoro, acordaram os echos virgens de Piratininga foram a primeira voz da civilização paulista. Foi elle que recordou que o primeiro vagido do pensamento nesta terra foi naquella praia atlantica, em que o apostolo do Novo Mundo traçava, na brancura immaculada da areia, o seu poema á Virgem. Foi elle quem nos mostrou as cruzes de Piratininga emergindo das nuvens como mastros grandes de navios e, naquella *Ilusão* do mar enevoado, as egresias representando uma esquadra ancorada nas alturas, esquadras do Ideal, esquadra vigilante, tangendo as nuvens as suas campanas aos perigos e escuridões do mar».

A conferencia de Anchieta occupa na sua obra um lugar importante, por manifestar duas tendencias do seu autor: uma para a historia, outra para a religião, de ambas as quaes daqui a pouco falaremos.

Seus artigos de imprensa, publicados na maior parte no *Commercio*, occupam um lugar importante em sua obra.

Um jornalista italiano, Cavalotti, segundo creio, querendo mostrar a vida ephemera do artigo de jornal, definiu-o: «o momento que passa». Mas isso não é exacto para com todos os artigos. E' certo que passa a impressão que os dictou, a actualidade palpitante a que obedeceram, a atmosfera moral em que surgiram. O artigo, porém, pôde ficar, como um documento do homem, como um modelo de journalistica, como um estalão de logica, de linguagem, de erudição, de saber. E' o que se dá com os artigos de Eduardo Prado.

Entre seus trabalhos ha alguns em francez, menos conhecidos, que são: *L'art au Brésil* e *L'immigration au Brésil*, publicados numa obra em que escreveram Rio Branco, Sant'Anna Nery e outros: *Le Brésil en 1889*, e varios artigos sobre com as nossas, publicados na *Encyclopedie Moderne*.

Na edição completa de suas obras, que, consta, em breve se fará, apparecerão *Terra Roca*, romance de costumes paulistas, *Manoel de Moraes*, historia do periodo colonial, e um estudo sobre a nossa bandeira.

Destas obras, a mais importante é, sem duvida, *Manoel de Moraes*, historia á feição das de Oliveira Martins: *Filhos de D. João I e Vi-da de Nuno Alvares*.

Eis o que diz Capistrano de Abreu, a respeito dessa obra:

«Segundo expoz ultimamente, em larga conversação, o livro começa por uma descripção de São Paulo no final do século XVI, onde e quando nasceu o padre; transpõe-o para o Rio, lugar de seus primeiros estudos; estuda, a propósito da Bahia, onde os continuou, o sistema de educação e a organização jesuitica da colonia, tal qual se adaptaram ás contingencias do meio, e a tomada da cidade pelos holandezes; passa ás missões do Norte e ás guerrilhas pernambucanas; termina, enfim, no Tribunal da Inquisição».

A todos os predilectos do seu talento Eduardo reunia a vantagem material-intelectual de ter uma optima bibliotheca. Propositamente fizemos essa junção antipathica de adjectivos, porque ha muita gente que pensa ser uma bibliotheca como a de Eduardo uma questão de recursos. E' um engano.

Contavam um dia, num salão, a Victor Hugo que um opulento argentino adquirira uma grande bibliotheca, movido pelo desejo de tel-a maior que o autor de *Notre Dame de Paris*, que, aliás, a tinha muito grande. A bibliotheca que elle comprou, disse Theophile Gautier, que estava no salão, subilhando com o seu fino sorriso a phrase, pôde ser maior que a do mestre: a bibliotheca delle nuvens e será. Com o seu

espírito subtil e prompto, o curives dos *Ensaes* e *Canções* discriminou, embora de um modo um pouco paradoxal, a nuance que separa a bibliotheca de um pensador da de um argenteiro.

Intellectualmente, o que constitua a bibliotheca é a sua utilidade, quer na assimilação do pensamento para si proprio—o caso dos dilettantes, quer na assimilação do pensamento para transmitti-lo—o caso dos escriptores. Para que possa haver uma bibliotheca, é preciso haver no que a possui a sympathia e a afinidade que unem o intellectual ao intellectual. E' preciso que os livros que a formam tenham feito alar-se a phantasia, desdobrar-se o raciocinio, acerrar-se a analyse, coroar-se a investigação. Faz-se mister que o romance, que se manuseia, tenha fornecido uma emoção esthetica, que o dictionario que se consulta tenha esclarecido; que a philosophia que se interroga, tenha respondido, que a historia, que se percorre, tenha instruído, que o livro de sciencia que se compulsa tenha ensinado.

Faz-se mister que, unido o polo negativo—a intelligencia que busca, ao polo positivo—a intelligencia que dá, perpassa entre o que lê e o que escreveu uma como corrente electrica. Essa corrente que, como um espirito invisivel, anima e vitalisa os livros, é a Comprehenção, no que essa faculdade, que Michelelet um dia chamou de resurreição, implica de mais elevado.

E os livros de Eduardo estavam vitalizados, não só pela larga comprehensão do seu espirito, como pelo amor que lhes tinha. Tinha com elles infinitos cuidados, fazia guerra ás traças, tapava os buracos de velhos in-folios poentes, encadernava-os, fazia-os limpar na Europa por processos custosos. Dir-se-ia ver nelles, como seu mestre Renan, almas embalsamadas.

O escriptor que mais profundamente influia sobre Eduardo Prado foi Renan.

Além de toda a geração sua contemporanea ter soffrido a influencia do luminoso escriptor, Eduardo tinha em si mesmo muitos pontos de afinidade com elle. Como Renan, Eduardo tinha no idealismo o fundo de sua natureza moral e no espirito analytico, o fundo de sua natureza intellectual.

Esse dualismo, que Pelissier encontrou no santo atheu, foi o grande característico de Eduardo Prado, e quem não o levar em conta não explicará os diversos aspectos do seu caracter, não explicará como habitavam nelle ao mesmo tempo a ironia e a ingenuidade, o conhecimento dos homens e a ignorancia do mundo pratico, o leve scepticismo do homem de sciencia e a fé profunda do crente. O espirito analytico movia o escriptor e o idealismo latino, o homem. Seu espirito de critica não vedou nunca a sua religiosidade, assim como esta não vedou aquelle.

Mais feliz que o autor da *Vida de Jesus*, Eduardo viu na religião mais que um genero superior de poesia, viu o apoio moral de sua vida e a consolação suprema de sua morte.

Seu espirito de critica e sua religiosidade agiam em duas espheras diferentes, cada uma com seu eixo e seu movimento de rotação independentes das da outra. Pelo polytheismo hellenico que encarnou em seres de uma belleza divina as forças e os phenomenos terrestres, cada um de nós traz dentro em si uma Psyche que só se poderia descrever com uma penna tomada ás asas de Ariel. Na alma de Eduardo eu vejo Psyche uma e dupla, a mesma e diversa, unica e bifurme. Psyche acordada e Psyche adormecida. Uma é a analyse, e outra, a religião.

O proprio estilo de Eduardo Prado resente-se do renanianismo de sua mocidade. Renan foi o escriptor que, tendo a principio escripto a *Vida de Jesus* com maior colorido e maior brilho, passou um anno a diminui-los. Eduardo, que o lia continuamente, assimilo a sua maneira. Não ha nelle nenhum effeito, nenhum artificio; com elle aprendeu a desdenhar o que elle chamava o *romantismo da forma*, com elle aprendeu que só ha uma maneira de exprimir o que se pensa e o que se sente.

O noblesse, o *beauté simple et vraie*! estas palavras da divina prece que Renan fez na Acropole, quando lhe chegou a comprehender a perfeita belleza, definem o seu credo litterario. Quando Eduardo visitou Athenas, foi reter essa oração de Renan na velha cidade que a inspirara. No Mundo inteiro não ha lugar nenhum em que, pela influencia mysteriosa do Bello sobre os homens, a particula divina que ella tem no coração mais se manifeste, mais estremeça, mais vibre. Por isso, essa communhão mental de Eduardo é uma das coisas que me apraz recordar.

Vejo-o, por um claro dia de sol, galgar pela Propylaea, o eimo da Acropole e, de lá, descorrar os montes de que nascem as deusas de Phidias e as vagas azues que marulham nas estrophes de Homero. Ao pé delle, o Parthenon, o Erechtheon, o templo da Victoria, mutilados, mas eternos, animados pela alma que não pôde envelhecer que Plutarcho nolles viu, le-

vantam aos céos, encarnações marmoreas do Ideal, os seus poemas de pedra. E as palavras de Renan revolvem na transparencia luminosa do céo hellenico, como um enxame de abelhas de ouro.

A qualidade do estilo de Eduardo era a clareza, que deu á sua phrase o boileu do francez. Isso fez-lhe sacrificar um pouco o maneio do nosso vocabulario, que, entretanto, conhecia como pouquissimos.

Ha duas classes de escriptores, quanto á materia verbal: uma contentam-se em empregar correctamente o vocabulo, aos outros isso não basta e exigem delle o *maximum* evocatorio que encerra. Para os primeiros, as palavras não têm uma vida propria, seu valor promana do pensamento que, reunidas, representam. Para os segundos, as palavras têm, além da vida usual, uma vida que provém da altura thermometrica a que a pressão do pensamento as eleva. Confesso que amo mais os segundos. Para mim, como para elles, as palavras vibram como o som, rutilam como a luz, marulham como o mar, irrisam-se como o céo, trepidam como o movimento, deslocam como a força, relampagueiam, silvam, estondam, clamam e encerram, monstrando mysteriosas, como num espelho magico, todos os aspectos e todos os phenomenos da Vida.

Ruy Barbosa é do Brasil o mais alto exemplo do dominio verbal. Senhor da lingua, como Prospero de sua ilha, o grande evocador, a um aceno da sua varinha magica, faz surgir dos seus recantos as palavras como uma legião de espiritos alados. Eduardo não teve tempo de mostrar sobre a lingua o mesmo dominio, dominio sem raias e fronteiras, que Ruy Barbosa. Com isso soffria minha admiração por elle, admiração que o quizera ver, não só na erudição, como no seu instrumento, na mesma plana que o Czar do Pensamento brasileiro. Não tinha razão, porém; só motivos especiaes impediram a obra de Eduardo de ser um dos mais opulentos celestios do vernaculo. Macaulay divide em duas classes os livros: livros que se lêem e livros que se estudam. Escriptor politico, Eduardo precisava escrever dos primeiros e, quando tinha começado a escrever dos segundos, a morte imperturbavelmente o arrebatou.

O ramo de saber que mais preocupou Eduardo foi a Historia. A Historia necessita de duas dons: o dom da critica, que esquadinha, examina, observa, decifra, analisa e reconstrue, e o dom de adivinhar, o dom da actividade inconsciente, como diz Schelling, que lê nas entrelinhas dos textos e descobre as almas sob os documentos. Esta faculdade adivinatoria, que agita a poesia do Passado, fazendo-a bailar em particulas luminosas, aos raios solares da verdade, Eduardo possuia-a em elevado grau, graças ao poder de abstrahir, que, como dissemos, cohabitava nelle, como em Renan e Michelelet, com o espirito de critica. O dom que o primeiro desses dois reconstrutores do Passado reclama para o historiador e que é de saber comprehender estas almas muito diferentes das daquelles em que vivemos, elle possuia-o também, mercê da sua irradiante sympathia affectiva pelas cousas humanas.

Mais do que o culto, Eduardo tinha a intuição do Passado. Por esse lado, principalmente, é que encara sua morte como uma perda irreparavel para as letras patrias. Se não morresse já, publicaria, de certo, numa obra, tudo quanto um trabalho de annos e uma investigação de benedictino lhe tinham ensinado da historia do Brasil. Ver-se-ia, então, que Eduardo Prado reunia a sciencia das cousas patrias de Capistrano de Abreu á erudição encyclopedica de Ruy Barbosa.

#### O homem

Ao começar as suas admiráveis *Memorias*, o duque de Saint Simon tomou consigo mesmo o compromisso de escrever só o que tivesse visto. Realizou essa promessa e o resultado foi tornar-se a sua obra um dos maiores repositórios de documentos que tenhamos sobre o homem. Saint Simon torna tangíveis os personagens que descreve e vemol-os falar, mover-se, lutar, agir, viver, em summa. O segredo do velhinho, remungador e furio, que atravessava os corredores dos palacios reaes, conceito da sua posição de duque e par, á procura de materias para as suas *Memorias*, foi a fidelidade aos factos. Escrevendo só o que via, sua obra tornou-se a photographia animada do grande século que descreveu.

Hoje, não ha nada que tenha mais valor aos olhos dos que pensam, do que os documentos que nos mostram a face real dos homens cuja fama desperta a nossa curiosidade. E a razão é simples. E' a desconfiança da Historia que toma de um homem e, esculpindo-o como uma estatua, quasi sempre lisonjeia o retrato como os pintores dos grandes.

A las successivas dos tempos, a estatua historica vai se tornando cada vez mais clara, ao passo que a effigie do homem real vai se retirando cada vez mais para a penumbra.

A Historia é para com os escriptores como Margarida de Ecoscia

para com Alain Chartier: beija a bocca de que sahiram as palavras do ouro e abstrahia o homem. Vê o escriptor e abstrahia a pessoa. Uns ganham nisso, outros perdem. Ganhava Beaumarchais, perdia Chateaubriand. Eduardo é um dos que perderiam, se fosse encarado sómente como escriptor; o homem nelle é tão digno de ser admirado como o pensador. Estas palavras de Shakespeare: «Sua vida foi no-bre e os diversos elementos que o constituíam estavam tão bem combinados, que a Natureza podia se levantar e dizer ousadamente: «era um homem», applicavam-se a elle.

Vou, pois, dizer o que os factos me mostraram da face moral de Eduardo Prado. Esse desejo de apprehender a verdade, de que Saint Simon é um tão superior exemplo, é o que me fez induz a dizer o que vi.

O segundo Imperio viu abro-lhar uma geração de moços, em cujas pessoas as viagens, a educação e a frequencia das altas rodas se combinavam para reunir a cultura e a distincção, o talento e a elegancia, a intelligencia e o aprimoramento de maneiras. Desse tipo de uma nobreza extincta, cujo segredo se perdeu em Saldanha da Gama, que commandava no Sul os marinheiros que iam morrer com elle com a mesma calma com que dirigia um *catillan*, a bordo do seu cruzador, e em Souza Correa, que acabava de resolver uma questão diplomatica, para ir ao *garden-party* do principe de Galles, Eduardo, quando os deveres sociais o exigiam, realisou o ultimo e mais moderno specimen.

Eduardo viajara o mundo todo, visitara todos os logares celeberrimos pela Fieira, ou pela Historia, escrevera livros, que um governo encensaria, cortara leguas e leguas de sertão para buscar o exilio, fugindo á tyrannia, uma familia imperial amava-o, grandes estadistas consideravam-no seu par e escriptores geniaes admiravam-no. Tinha trinta e sete annos e havia atingido uma posição excepcional no Brasil. Foi quando o conheci. Era, pois, natural que eu esperasse em Eduardo certas qualidades de orgulho e de *pose* que são comuns aos homens frageis. Foi grande a minha admiração ao ver que elle, na sua brilhante carreira, guardara intacta a bondade, a franqueza, o apego affectivo, a confiança, as raras qualidades de coração que o attrito dos homens poderia ter desgastado.

Sua ironia mesmo, que adversarios lhe lançavam em rosto como um labéo, era uma ironia *ni genereis*, attenuada, nascida, não da maldade, mas da negrícia eterna do seu espirito alienenico e tão differente do sarcasmo que fazia Yago dizer: «sou um satyrico», como um punhal envenenado de uma lamina de sol.

O que havia nelle do *humour* saxonal era temperado pela sensibilidade latina.

Nas suas viagens através do mundo, que foi para elle um livro que folheou pagina por pagina, adquiriu o dom de comprehender a Humanidade, que Renan considera o mais alto grau da cultura intellectual. Consiste elle em admitir que haja homens que tenham principios diversos dos nos e em admitir que elles nos pareçam errados, pelo motivo de não entrarem na nossa angulação mental, da mesma forma que o geometra admite que os tantos graus de um angulo obtuso não entrem dentro dos tantos graus de um angulo agudo. Os que não comprehendem a suprema belleza desse dom, que é uma sentença da omnivocidade divina, dizem que elle destróe os preconceitos, embota o caracter e confunde as noções do bom e do mal. Eu entou que não; basta que os que o possuem tenham a consciencia de uma verdade intangivel, absoluta e superior, para que esse dom não se desvirtue. Sem que uma verdade regesse os phenomenos humanos, a propria lei de rotação que governa o globo poderia ser alterada.

Eduardo não confundia os aspectos com a essencia e elle não-diz nestas bellas palavras: «a suprema verdade e a suprema justiça subletem no tempo e no espaço, através das convulsões dos povos e das raças».

Compreender a humanidade não impede de amal-a, quando o cepticismo do observador é contrabalançado pela sympathia humana, tradução profana do mandamento—amar ao proximo.

Foi essa sympathia humana—que lhe fez comprehender e amar o beduíno no seu deserto, o construtor de Glasgow nos seus estaleiros, o romano em Roma, o Hindú na India, os monges do Libano nos seus mosteiros seculares e os negociantes de lá de Melbourne nos seus clubs, na phrase do seu grande amigo.

Esse instinto superior que o fazia abrir o coração a todos que o amavam fez-lhe, não só aqui, como no Velho Mundo, verdadeiros amigos entre os maiores pensadores.

Oliveira Martins, Raimundo Otávio, Anthero do Quental, Maria Amalia, Eliseo Réclus amavam-no com o espirito e com o coração. E' bem sabida de todos a amizade fraternal que lhe votava Eça de Queiroz, o forte, o fulgurante, o admiravel Eça de Queiroz.

Eu votava a Eduardo á dupla

affecção de discipulo e de amigo. Elle, em troca, foi para mim um mestre e, abstrahido a differença de edades que nos separava, um amigo que me admitira na intimidade do seu espirito e do seu coração. Pobre amigo que queria que eu fosse um dos amigos da tua, velhinho! Pobre amigo que, na illusão da tua amizade, tinha para mim os olhos com que o pae seguiu na vida a carreira, que espera á altura de suas esperanças, do filho! Morreste, mas quer eu pisa na vida caminhos de espinhos, que apparecerá como o do primeiro guia experimentado que me deu a mão leal.

Em junho deste anno, recebi um telegramma delle reclamando uma visita que ha muito sua amabilidade esperava de mim. Fui ao Brejo. Estava, então, preocupado com esse concurso de Campinas, que mais uma vez me vultu convencer que a pureza moral é como a neve, habita as altitudes, e em que tive por examinador Coelho Netto, cujo julgamento e cuja amizade guardo, como se guardam as cousas preciosas.

No meio da grande bibliotheca de Eduardo, tirando as duvidas que as consultadas por mim, pauperismas, não me haviam permitido delir, é que comprehendi a pasmosa e phenomenal erudição de Eduardo. Indicava-me os livros, nos logares approximados, muitas vezes nas paginas, em que eu resolvesse uma duvida sobre uma tragedia de Eschilo, sobre uma interpretação de Dante, sobre os documentos que o *British Museum* encerra sobre Shakespeare, ou sobre o grau de identificação de Goethe com seus personagens.

Minha sensação ante Eduardo, era a que Nabuco ante Renan fixou nestas palavras: «Eu me sentia «deante dos deslumbamentos daquelle espirito sem rival, profic-galando-se deante de mim, literalmente como Luiz II da Baviera, na escuridão do camarote real, no theatro vazio, vendo e apresentar os Nebelungen em uma «ecena illuminada para elle só».

Todos os dias, ao ennoitar, o tanger de um sino annunciava o começo da reza. Estávamos em junho, o mez consagrado a Aquelle que ha mil e novecentos annos repete o milagre do deserto, repartindo entre os homens o pio espiritual do seu amor.

Eu sabia que Eduardo era catholico, mas até ali o supuzera um desses catholicos especulativos, que não se manifestam pelos exercicios religiosos. Não foi, pois, sem alguma surpresa que atravéssei com elle o jardim, para irmos á modesta capellinha, em que frei Gregorio, um missionario philippino que morava no Brejo, officava.

Soubes, depois, que Eduardo frequentava com uma pontualidade invariavel essas novenas.

Ninguém pôde imaginar a impressão que, numa hora dessas, se sente ante os officios divinos. A noite, a solidão, o silencio, o recolhimento tinham-se estendido sobre a terra e a ladinha do Crucifixo, atrito de adoração e de angustia, agitado pela creatura contingente no Salvador, reunia as moleculas vibratilissimas do ether sob a cupola immensa de uma melancolia invisivel. Na belleza da sua simplicidade, que as paredes rusticas da capella augmentavam, a prece mystica evocava as atmosferas espirituais, em que, desde centenas de annos, outros homens, animados pelo mesmo fervor e pela mesma adoração, a murmuravam.

Minha memoria não evocava distinctamente esses ambientes religiosos, mas eu recebia em mim a onda luminosa, que, através dos seculos, a fé tinha propagado desde as naves da Jerusalem, desde as catacumbas de Roma e desde as cathedraes do Velho Mundo, até aquelle recanto perdido na immensidade do solo brasileiro. Sensibilizava-me profundamente ver um homem como Eduardo, que conhecia todos os aspectos brilhantes da vida, acompanhar, com a mesma unção dos colonos humilides que o cercavam, o estribillo religioso.

O nome que elle ao morrer teve nos labios foi também o ultimo que pronunciou na capellinha do Brejo. Foi no mez de junho, que elle deixou pela ultima vez o seu querido Brejo, nesse mez em que o padre philippino pronunciava estas palavras de um encanto magico: «Rei da Gloria, Sol da Justiça, Pae dos seculos» e em que elle respondia contritivamente: «tende compaixão de nós». Desde a humilde capella do Brejo, Jesus parecia estar illuminando para Eduardo os horisontes tenebrosos da morte com os clarões da sua eternidade. Elle, o Deus que do Calvario abençoou o mundo, sabia que em breve para o seu servidôr ia raiar o que Chateaubriand denominou, triste e superbamente, o sol dos mortos.

Ao falar do Chateaubriand, lembrei-me de um facto que occorreu na vespêra do dia em que dei-lhe, justamente com Eduardo, o Brejo, para irmos á fazenda de sua veneranda mãe, em Araras.

Estávamos na sala grande, enconstados á janella, falando não sei de que, embebidos talvez na belleza de uma tarde de junho. O sol ia baixando. O crepusculo invadia o céo e o aroma das flores do jardim vizinho e o murmurar de um repuxo, cujo facto era como uma chuva de diamantes liquidos, e o fulgor

das primeiras estrelas penetravam até á sala em que celebravamos, nua doçura infinito.

«Já leu as *Memorias d'Outro Tombo* de Chateaubriand?»—perguntou-me Eduardo.—«Disse-lhe que não».

«Que homem feliz, inda pôde ter esse prazer pela primeira vez», respondeu.

Foi-nos trazido o ultimo volume da obra. Sentado numa poltrona e eu numa cadeira proxima, leu-me o pedaço em que o autor do *Genio do Christianismo* recapitula sua vida. Lida por elle, a prosa de Chateaubriand tomava uma plastica maravilhosa.

Ru via a vida inteira do grande escriptor deslizar ante meus olhos. Via-o cortando os mares e atravessando os desertos, supportando a canicula das zonas torridas e o frio dos polos, sentado á tenda dos beduinos e á mesa dos reis, agora numa mansarda de exilio em Londres, agora num palacio de embaixador em Roma, bebendo em taças de cortica e em taças de ouro, assinando tratados e protocolos, fazendo a paz e a guerra, restaurando o Throno e a Religião, transformando pelo seu pensamento os espiritos e pela sua crença, os corações.

A voz do mestre querido tinha taes inflexões que, quer lesse a vista de Chateaubriand nos logares illuminados pela Historia, quer lesse a sua genuflexão nos altios transfigurados pela Fé, me parecia a mim ser elle e não o grande escriptor francez que cortava os mares, empôz de ruínas sobre as quaes reflectir, ou empôz de sitios sagrados sobre os quaes se ajoelhar.

Mas houve um momento em que essa identificação de Eduardo com o livro que lia foi verdadeiramente pasmosa e em que senti o relampago nervoso das commoções. Foi ao ouvir o trecho seguinte, que Chateaubriand finalisa seu livro, lido com uma força e uma vida que nunca mais me sahiram da memoria:

«Traçando estas ultimas linhas, «a 16 de novembro de 1841, já «na janella, que dá para os jardins das missões estrangeiras, está «aberta; são seis horas da manhã; «diviso a lua pallida e crescente; «ella se abaixa sobre a flecha dos «invalidos, apenas revelada pelo «primeiro raião dourado do Oriente; «dir-se-ia que o mundo antigo escriptura e que o novo começa. Vejo «os reflexos de uma aurora de que «não verei o levantar do sol. Não «me resta senão me assentar á beira da minha sepultura; depois do «que, ousadamente, o crucifixo na «mão, descerrei á Eternidade».

Porque será que ao memorar este facto inesquecivel da minha vida sinto, viva e funda, a mesma emoção que então senti? Estaria uma dessas intuições mysteriosas advertindo-me que havia uma philosophia occulta na escolha desse trecho de Chateaubriand, para o ultimo de tantos que me leu o mestre? Estaria essa mesma intuição agindo na sua alma? Não sei.

Capitula totalmente a noite. Ex-halava-se o mesmo perfume balsamico das plantas, o ropuxo do jardim erguia a mesma columna adamantina no ar, e pelas janellas, abertas á calma religiosa da noite, viam-se, muito ao longe, engastadas no azul profundo, as estrelas, a palpitante na mesma fulguração. Desde ali essa pagina de Chateaubriand ficou idealizada aos meus olhos por esses effeitos de luz. A tarde, que expirava, deu-lhe a tristeza das cousas que se vão; a noite, que descera, deu-lhe o mysterio das cousas que se não conhecem e a mutação tão rapida da tarde em noite deu-lhe o desconhecido dos phenomenos cosmicos da vida e da morte.

—Passaram-se duas mezes apenas. No quarto da rua Visconde do Rio Branco, 81, em que tantas vezes e tão alegre eu costumava entrar pelas manhãs, estava deitado um homem, com as mãos cruzadas sobre o peito, apertando um crucifixo e tendo no rosto o reflexo de immortalidade que o instincto das almas lhes revela. Esse homem, será preciso dizel-o? era o mesmo que me lia no Brejo nas *Memorias d'Outro Tombo*. Estava realçada a promessa daquelle voz em que, nessa hora suprema, comprehendido a solemnidade de um compromisso, face a face do Deus que, para Eduardo, estava immamente no sommo mineral da pedra, no murmurio das fontes, no aroma das flores, na seiva das arvores, no instincto dos brutos, na intelligencia dos homens, nas ondas do oceano, no azul do firmamento, na seintificação das estrelas, na terra e nos céos, no conhecido e no desconhecido.—Com o crucifixo na mão, Eduardo Prado desceva ousadamente á Eternidade.

BAPTISTA PEREIRA

#### A NOSSA FOLHA

Apesar da edição do hoje ser de oito paginas, não nos foi possível inserir todos os artigos que temos em mãos sobre o dr. Eduardo Prado.

Daremos, assim, nova edição amanhã, consagrada á memoria do pranteado Mestre, publicando artigos dos srs. R. de Azevedo, Affonso Celso, Adolpho Azevedo, Cunha e Costa, Visconde de S. Beaventura, Christovam Ayres, Luciano Catavento, Severiano de Rezende, Alfredo Paiva etc.



**Sementes de capim Jaraguá e castigueliro roxo**  
Vende-se a 40000 e sacos, de 100 litros, de sementes novas e garantidas; dirigir a Paulo de Aguiar, na estação de Raulândia, E. Ferro Mogiana. 30-20

**30:000\$000**

Emprestem-se sobre hypotheca, em localidades; prazo de 5 a 3 annos; juros de 1 por cento. Informação, rua de S. Bento, n. 22, 2º tabellão. 3-3

**ULCERAS** syphiliticas e ulceras chronicas, os dardos, eremias, empiemas e foridas, curam-se promptamente com o uso do Despurativo Mamecaroba de Werneck. Vende-se em todas as farmacias e drogarias. 30

S. Paulo, 28 de setembro de 1901  
Procurar-se saber do Francisco Pereira de Mello, com 18 para 19 annos de idade, empregado em casa de familia, filha de Antonio Maria de Jesus, viúva de João Pereira de Mello e irmão de Julio Pereira de Mello.  
Rua Carneiro Leão, n. 31-B.—  
Julio Pereira de Mello. 2-3

O corrector official Joaquim Eugênio de Amaral Pinto, encarregado da compra e venda de accções de bancos, companhias, terras hypothecadas, casas, terrenos, cações e de receber dividendos. Escripção: travessa do Commercio, n. 3-C, e residencia, rua da Victoria, 108. 60-17

**Manacaroíba** de Werneck remédio contra o reumatismo articular, muscular e cerebral, contra a gota e os depósitos góticos. Vende-se em todas as farmacias e drogarias. 30

?

**Vinhos finos do Porto Santhiago** 30-21

**PASTILHAS LAXATIVAS de WERNECK**  
E' o mais precioso medicamento contra a constipação habitual do ventre. Vende-se em todas as farmacias e drogarias. 30

**DEPOSITO**  
73—Rua dos Ourives—73  
RIO DE JANEIRO 30

**Papel de embrulho**  
Neste escriptorio, a 75 arroba. 30

**OCTAVIA E JULIETA**  
Julietta de Sampaio Mayrink, professora publica da cidade de S. João da Barra. Atteste que minhas filhas Octavia e Julieta, com 3 e 5 annos de idade, se achavam sofrendo de uma erupção hemisférica em todo o corpo, rosto infiltrado, tomando a erupção um caracter feio e agustador; as feridas de cor preta e fedia a casa etc. Appliquei o miraculoso LICOR DEPURATIVO DE TAYUYA de Oliveira, Filho & Baptista, e, em oito dias, tive a satisfação de ver minhas filhas perfeitamente boas de tão incommodo mal e ficando ellas sem o menor signal de cicatrizes, quer no rosto, quer no corpo; tudo isto aconteceu sem sujeitarem-se a grande dieta. O que juro, se preciso for. S. João da Barra, no Rio de Janeiro, 23 de março de 1900. Julieta de Sampaio Mayrink. Deposito: BARUEL & C. Rua Direita, 1 S. PAULO

**Polytheama-Concerto**  
Empresa PASCHOAL SEGRETO  
Direção do J. CATEYSON  
MAESTRO, SR. ATILIO CAPITANI  
Hoje Segunda-feira 30 de setembro  
Hoje Segunda-feira 30 de setembro  
**Estrea Bressy-Bloc**  
Duetistas parisienses  
Grande atracção!  
Sucesso sem precedentes  
**DUPLA SERPENTINA**  
pelas  
**IRMAS MOLLER**  
Projeções multicores,  
**CARLYLES**  
Danças acrobaticas e transformações.  
Novas cançoes para symphonicas artistas:  
Miles, Duchamp—Dorly—Rodriguez—Ante Neri—Lina Cortes—Schubert—Lili de Lydia—Schubert—Lydia de Hummel—D'Armonville—Helen Virag.  
Espectaculo hora ligne  
Preços e horas do costume.  
Quinta-feira, 3 de outubro, 7ª sessão da moda, e dedicada ás ex-sultissimas aras, praxistas, com programma espectralmente organizado como nas matinees.  
Sexta-feira, 4 de outubro—festa artistica offerrecida pela Empresa ao muito digno administrador do Polytheama, sr. Thomas Mayor.  
Brevemente — Villot's, clowns musicos.  
D'Arville, cantora franceza.  
**Cinra Polonio**  
Dizem brasileiros  
30

**ITAIOY**

O abaixo assignado vende sementes de castigueliro roxo legítimo e garante sua nascença, sacos de 100 litros, a 20000. Despachado para qualquer ponto da estrada de ferro. Os pedidos devem vir acompanhados da respectiva importancia; do contrario não serão attendidos.  
Itaiy, 5 de setembro de 1901.  
Francisco José de Araújo 30-14

**Dentista**  
Extrações dos dentes sem dor, 55; obstrução a platina, granito ou musca, por 55; obstrução a ouro, por 108 a 215; limpeza dos dentes por mala enegrecidos, por 55 a 205; dentaduras pelos systemas mais modernos e odontotechnicos, sem chapa e sem tirar as raizes; pivots, corças, dentes de ouro e inserções de brilhantes. Tratamento das molestias da cavidade bucal, correção das anomalias dentarias (dentes tortos), restauração a ouro e mais trabalhos, convenientemente e previamente, por preços razoabilissimos, no gabinete do dentista Annibal Vitral, com praticas de serviços profissionais na capital federal, 4 15

Rua de S. Bento, 31, sobrado

**AVISO**

**Vapor "Hogarth"**  
Informamos aos recebedores das mercadorias vindas pelo vapor Hogarth que a carga será baldada no Rio de Janeiro para o vapor Edimburgo, esperado neste porto no dia 3 de outubro p. n.  
Para mais informações dirijam-se aos Agentes.  
Santos, 27 de setembro 1901.  
F. S. Hampshire & C. L.  
Agentes da Lulu Lamoport & Co. 3-2

**UNICA QUE VENDE SORTES**

**LOTERIA DE SÃO PAULO**  
Premio maior  
**6:000\$000**  
POR 2\$250  
HOJE  
Extração—Segunda-feira, 30 de setembro de 1901  
A'S 3 HORAS DA TARDE  
Os pedidos do interior devem ser dirigidos a Theosouraria, a Joaquim Finheiro e Prado, ou a  
**DOLIVAES NUNES & C.**  
Rua Direita, n. 10  
S. PAULO  
Aceitam-se agentes no interior do Estado e offerece-se vantajosa commissão.  
AVISO—Em 10 de outubro corre a seguinte loteria de S. Paulo, sendo o premio maior de 40 contos por 6\$000.

**Victoria! Victoria!**  
Vivam sempre os felizes kiosques de José Molinaro que hontem acabou de vender a serie grande de  
**50:000\$000**  
no numero 17916 como tambem toda a dezena de 17911 a 17920 e por isso chama a attenção dos seus amigos e frequentes para que a compra do bilhete de 200 CONTOS seja feita nos seus felizes kiosques  
Avenida Tiradente e rua Episcopal  
esquina da rua Florescio de Abreu.  
Vivam sempre os kiosques da Imprensa e da noiva Senhora da Penha que, sabado, 5 de corrente vão vender a serie de  
**200:000\$**  
Proprietario **JOSÉ MOLINARO**  
Telephone, 792 S. Paulo, 28 de setembro 1901 3-2

**F. Matarazzo & C.**  
Escripção central:  
Rua 15 de Novembro, 26  
Casa Matiz: N. 47, Rua 25 de Março, N. 47  
Moinho: Rua Monsenhor Andrade, 88  
S. PAULO 10-6

**Vinho Leoni**  
Composto de quina, carne e lacto-phosphato de calcio  
Preparado afamado da casa Werneck, por sua efficacia na CONVALESCENÇA das molestias agudas, no tratamento da  
**DEBILIDADE** das pessoas que sofrem de achagues ou molestias chronicas e das pessoas que amamentam 24, cab.

**PEITORAL DE CAMBARA'**  
de SOUZA SOARES  
Aprovado pela exma. Junta de Hygiene do Rio de Janeiro privilegiado por decreto do Governo premiado com CINCO medallas de 1ª CLASSE por diversas academias e exposições.  
Remedio garantido e muito acreditado pelo seus effeitos maravilhosos na cura das  
**Affecções pulmonares**  
Bronchites  
Rouquidão  
Asthma  
Coqueluche e  
Tosses de toda especie  
Atestado por abalizados medicos do Brasil e estrangeiro e por innumerables pessoas curadas.  
A' venda nas principaes farmacias do Brasil, Rio da Prata e Portugal.  
Pedidos de folhetos com attestados de curas, ao seu agente J. Altagracia Souza & Soares, em Poitiers.

**AGENCIA GERAL DAS LOTERIAS da CAPITAL FEDERAL**  
A' Rua 15 de Novembro, 27-A

**SABBADO, 5 de outubro proximo, SABBADO**  
Extração Intransferivel

**200:000\$000**

Todos devem dar preferencia a esta agencia geral, actualmente a mais feliz  
**Unica** casa que, durante o espaço de um mez, vende por duas vezes este importante premio **Unica**

Os pedidos do interior devem ser dirigidos ao agente geral e actual representante da Companhia de Loterias Nacionais do Brasil  
**LUIZ MANGEON**

**Rua 15 de Novembro, 27-A**  
Caixa do correio, 617—S. Paulo 3-2

|    |    |    |    |    |
|----|----|----|----|----|
| 1  | 20 | 30 | 31 | 90 |
| 10 | 24 | 14 | 34 | 36 |
| 6  | 17 | 29 | 25 | 35 |

EM 10 DE NOVENA—Aproximação da roleta Trinta e quarenta

**CIGARROS LOTO**

Confeção esmerada, feitos na machina Rollis; rão do fumo fraco e sem preparação; accompanha cada cartolina um cartão de lote, e uma vez junta a coleção de 25, daremos, gratis, ao portador, 99 pedras, numeradas de 1 a 99. Entregue-se a domicilio o recobrem-se pedras por telefone, numero 322—caixa postal, 230. Endereço telegraphico: CYSNE—Bras.

**FABRICANTES:**  
**Cardoso de Andrade & C.**  
Tendo sido despojado o trinta e quarenta por uma acção-chave, na sua estada na Europa ultimamente, offerecemos gratis aos nossos frequentes que comprarem os cigarros LOTO.—S. Paulo. 30-17

**Importante premio**  
17916  
**50:000\$**  
VENDIDO NA  
Agencia Geral  
DAS  
Loterias da Capital Federal

**39 RUA DIREITA 39**  
**JULIO ANTUNES DE ABREU**

Rem como toda a dezena de n. 17911 a 17920, 10 premios na importancia de  
**53:000\$000**

Extraída sabbado, 28 do corrente  
Quarto premio vendido este mez: 1...  
O premio acima foi vendido no freguez desta casa, o sr. José Molinaro, com kiosque em frente ao quartel da Luz.

Continuarei sempre a insistir recomendoando ao publico para dar preferencia para a compra do bilhete das LOTERIAS DA CAPITAL FEDERAL a esta conhecida casa  
**Unica** que tem vendido grandes premios **Unica**

**Atenção SABBADO PROXIMO**  
**75-4--Grande Loteria da Capital Federal**  
PREMIO MAIOR  
**200:000\$000**

**EXTRAÇÃO, sabbado, 5 de outubro**  
A'S 3 HORAS DA TARDE  
**Intransferivel**

O plano desta loteria é inteiramente novo, jora apenas com 50.000 bilhetes e distribui 5.423 premios, sendo os premios salidos a sorte todos superiores a 100\$000.

A preferencia para a compra do bilhete desta grande loteria deve ser dada, por todos os motivos, a esta antiga e acreditada  
**AGENCIA GERAL**

**Unica** casa que no seu importante varejo tem vendido grandes premios **Unica**

**RUA DIREITA, 39**  
Os pedidos do interior devem ser dirigidos ao agente geral e actual representante da Companhia de Loterias Nacionais do Brasil.  
**JULIO ANTUNES DE ABREU**

**Caixa do correio, 77 S. Paulo**

**AVISOS MARITIMOS**

**Société Générale de Transports Maritimes à Vapeur de Marseille**  
O esplendido paquete francez  
**MEDOC**  
esperado directamente da Europa em Santos, no dia 1º de outubro, sahirá, no mesmo dia, para  
**Montevideo e Buenos-Aires**  
Preços das passagens de 3ª classe, 75 frs.  
Para cargas, passageiros e mais informações, trata-se directamente com  
**Orey, Antunes & C.**  
Em Santos—Rua 15 de Novembro, 65, 1º andar.  
Em S. Paulo—Rua do Commercio, 15.  
No Rio de Janeiro, Orey, Antunes & C., rua General Camara, 10.

**NAVIGAZIONE GENERALE ITALIANA**  
**Società Riunita Florio & Rubattino**  
O MAGNIFICO PAQUETE

**ORIONE**  
sahirá do Santos, no dia 5 de outubro, directamente, para  
**Rio de Janeiro, Genova e Napoli**  
aceitando passageiros para Marsella e Barcelona, com transbordo em Genova.  
Este paquete possui esplendidas accomodações para passageiros de classe distincta, 1ª, 2ª e 3ª classes.  
Viagem garantida em 14 dias  
Para passagens e mais informações, trata-se com os agencias:  
Em S. Paulo—João Briccola & C.—Rua 15 de Novembro, 39  
Em Santos—A. Fiorita & C.—Rua Visconde do Rio Branco, 18  
The Royal Mail Steam Packet Company

**MALA REAL INGLEZA**  
SAHIDA PARA A EUROPA  
DANUBE (do Rio), 16 de outubro  
NILE (do Santos) 28 outubro  
O magnifico e rapido paquete inglez

**THAMES**  
esperado em Santos, no dia 1 de outubro, sahirá, no mesmo dia, para  
**Rio, Bahia, Pernambuco, Lisboa, Vigo, Cherbourg e Southampton**

O Vapor  
**DANUBE**  
sahirá do Santos no dia 26 de outubro para  
**Buenos-Ayres**  
Passagens directas para Hamburgo, Bremen, Antuerpia, Rotterdam e outras cidades coalitadas (conforme será informado na agencia), são emitidas nos mesmos termos que as de Southampton.  
Agencia da Mala Real Inglesa em S. Paulo:  
Rua de S. Bento, 41 (sobrado) — Caixa do correio, 4

**Hamburg Südamerikanische Dampfschiffahrts Gesellschaft**  
Serviço especial entre Santos e Hamburgo, com escalas pelo Rio de Janeiro, Bahia e Lisboa

O PAQUETE ALLENÃO  
**BUENOS-AIRES**  
Capt. F. BODE  
sahirá, no dia 3 de outubro, para o  
**Rio, Bahia, Lisboa e Hamburgo**  
Preço das passagens de 1ª classe para Lisboa, 150\$000  
Todos os passageiros da Companhia são da mais moderna, illuminados a luz electrica, possuindo esplendidas accomodações para passageiros de 1ª, 2ª e 3ª classes.  
A Companhia vende passagens directamente para Paris, via Cherburgo, sendo os preços, em 1ª classe, lbs. 28.15.0.  
**El Johnston & Comp.**  
RUA DO COMMERCIO, 16—São Paulo

**Liverpool, Brasil and River Plate Steamers**  
LINHA LAMPORT & HOLT  
Serviço de passageiros para New-York  
WORDSWORTH—17 de outubro  
HEVELIUS—2 de novembro  
COLERIDGE—16 de novembro

O PAQUETE  
**BUFFON**  
sahirá do Rio de Janeiro, no dia 2 de outubro, para  
**Bahia, Pernambuco e Nova-York**  
Recebe passageiros de 1ª e 2ª classe para as portos acima e para  
**Barbados**  
Passagens directas de 3ª classe para todas as cidades das Indias—União e do Canada.  
Este paquete proporciona aos passageiros todo o conforto necessario e tem a bordo medico e cirurgião. Viagem mais rapida que via Lapa: terra e sem as inconveniencias de baldeação.  
Preço da passagem em 1ª classe, do Rio de Janeiro para Nova-York, \$55 (dólares, moeda americana)  
Para passagens e mais informações, trata-se, no Rio, com os agencias  
**NORTON MEGAW & C. Ld**  
Rua Primeiro de Março, 58  
E. S. Hampshire & C. Ld., Rua 15 de Novembro, 28